

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS EXPERIMENTAL DE OURINHOS

LUIZ GUSTAVO SCARANO COSTA

**INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NO CENTRO DE
BERNARDINO DE CAMPOS**

OURINHOS
2018

LUIZ GUSTAVO SCARANO COSTA

**INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NO CENTRO DE
BERNARDINO DE CAMPOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora do
Campus Experimental de Ourinhos, da
Universidade Estadual Paulista –
UNESP, para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Carla Cristina
Reinaldo Gimenes de Sena.

OURINHOS
2018

C837i Costa, Luiz Gustavo Scarano
Inclusão e Acessibilidade no centro de Bernardino
de Campos / Luiz Gustavo Scarano Costa. --
Ourinhos, 2018
91 f. : il., tabs., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos
Orientador: Carla Cristina Reinaldo Gimenes de
Sena

1. Bernardino de Campos. 2. Acessibilidade. 3.
Cartografia. 4. Praça Quintino Bocaiúva. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Prof.^a Dr.^a Waldirene Ribeiro do Carmo

Prof.^a Barbara Gomes Flaire Jordão

OURINHOS
2018

Dedico este trabalho

A toda a minha família, em especial aos meus pais Ana Maria e Luiz Antonio, pelo
apoio e ajuda ao longo dos anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, por tudo que conquistei na vida e na academia.

Aos meus pais Ana Maria e Luiz Antonio, por todas as vezes que precisei, pelo apoio na escolha do curso e ao longo dele, e ao meu pai por me levar e buscar na faculdade durante os estudos.

Ao meu tio José Biagio, falecido, às minhas primas Beatriz e Maria Eugênia por poderem me levar e buscar na faculdade todas as vezes que precisei, à minha prima Ana Luiza pela ajuda no resumo, e a toda a minha família pelo apoio no curso.

Aos funcionários de meus pais por todas as vezes que minha família não podia me levar e buscar na faculdade.

Aos meus colegas e amigos da faculdade, principalmente a Ana Paula, pelo apoio no curso e neste trabalho; a Lauriane, que pode me ajudar no Laboratório de Ensino da UNESP-Ourinhos, no desenvolvimento deste trabalho; e a Laryssa, da Biblioteca, pela ajuda quando preciso.

À minha orientadora Prof^a Carla, pela orientação neste trabalho por conseguir acalmar um pouco a minha ansiedade.

“Somente Paris é digna de Roma, somente Roma é digna de Paris.”

Autor Desconhecido

Resumo

Temas relacionados a Inclusão e Acessibilidade são importantes para a sociedade, pois auxiliam na discussão da melhoria das condições de vida para pessoas menos favorecidas e/ou com deficiência. Neste contexto o objetivo deste trabalho foi discutir a possibilidade de melhorar a acessibilidade para pessoas com deficiência na Praça Quintino Bocaiúva em Bernardino de Campos/SP. No desenvolvimento do trabalho foi necessário pesquisar os conceitos mais importantes relacionados à inclusão e a acessibilidade no Brasil e o contexto histórico em que foram inseridos, além de buscar alternativas para a questão proposta. Por meio de entrevistas e trabalho de campo foi possível identificar os pontos de acessibilidade e a necessidade de adaptações na praça. Após esse levantamento foi elaborado um conjunto de mapas táteis utilizando as técnicas da Cartografia Tátil que poderão auxiliar os usuários deste espaço. O resultado da pesquisa foi uma reflexão sobre a importância de se buscar alternativas para a efetiva inclusão de todos os cidadãos de Bernardino de Campos, independente da presença ou não de alguma deficiência.

Palavras-Chave: Bernardino de Campos; Acessibilidade; Cartografia; Praça Quintino Bocaiúva.

Abstract

The topics related to inclusion and accessibility are important for society, as they support the discussion of the improvement the living conditions for disadvantaged and/or disabled people. In this context the aim of this study was to discuss the possibility of improving accessibility for people with disabilities in Quintino Bocaiúva Square in Bernardino de Campos / SP. During the development of the study, it was necessary to research the most important concepts related to inclusion and accessibility in Brazil and the historical context in which they were inserted, besides to search for alternatives for the proposed question. By means of interviews and fieldwork, it was possible to identify the accessibility points and the adaptation requirements in the square. After data collection, a set of tactile maps was elaborated using Tactile Cartography techniques that will be able to help users of this space. The result of this research was a reflection on the importance of seeking alternatives for the effective inclusion of all citizens of the Bernardino de Campos, regardless of the presence or not of some disability.

Key-words: Bernardino de Campos; Accessibility; Cartography; Quintino Bocaiúva Square.

Lista de Figuras

Figura 1	Mapa Regiões de Governo do Estado de São Paulo – Destaque RG Ourinhos.....	23
Figura 2	Localização do Município de Bernardino de Campos.....	24
Figura 3	Localização da Área de Estudo na Planta Municipal.....	24
Figura 4	Mapa aproximado da área de estudo.....	26
Tabela 1	Normas da ABNT para pessoas com deficiência.	28
Figura 5	Mapa da Praça da Matriz e seu entorno com as imagens tomadas no local.....	34
Tabela 2	Número de pessoas que sabiam o que é acessibilidade.....	35
Figura 6	Variáveis Visuais e Táteis.....	40
Figura 7	Mapa da Praça Quintino Bocaiúva e seu entorno	42
Figura 8	Legenda e Escala do Mapa Original.....	43
Figura 9	Mapa 1 – com foco no entorno da Praça.....	45
Figura 10	Legenda e escala do Mapa 1.....	46
Figura 11	Mapa 2 – com foco na Praça.....	47
Figura 12	Legenda e escala do Mapa 2.....	48
Figura 13	Mapa 2 ampliado.....	50
Figura 14	Legenda e escala do mapa ampliado.....	51
Figura 15	EVA lilás sobre papel Paraná.....	53
Figura 16	Papel Paraná representando os quarteirões.....	53
Figura 17	Canteiros, banca e outros objetos.....	53
Figura 18	“Passarela” da Igreja Matriz.....	53
Figura 19	Igreja Matriz.....	53
Figura 20	Escadas da Igreja Matriz.....	53
Figura 21	Quarteirão da Prefeitura.....	54
Figura 22	Indicador na escada da Prefeitura.....	54
Figura 23	Indicador na rampa da Prefeitura.....	54
Figura 24	Indicador no comércio ao lado da Prefeitura.....	54
Figura 25	Quarteirão do Centro Pastoral da Igreja.....	55
Figura 26	Indicador no Centro Pastoral.....	55
Figura 27	Indicador na residência ao lado do Centro Pastoral.....	55
Figura 28	Quarteirão da Quitanda.....	55
Figura 29	Indicador na rampa em frente à residência ao lado da Quitanda.....	55
Figura 30	Praça Mons. Francisco van der Maas.....	55
Figura 31	Indicador no canteiro da Praça Mons. Francisco van der Maas.....	56
Figura 32	Indicador na estátua da Praça Mons. Francisco van der Maas.....	56

Figura 33	Quarteirão do Bar da Gente.....	56
Figura 34	Indicador na rampa em frente à residência ao lado do Bar.....	56
Figura 35	Quarteirão do Banco do Brasil.....	56
Figura 36	Indicador na rampa de acesso da loja da esquina.....	56
Figura 37	Quarteirão comercial ao lado da Prefeitura.....	57
Figura 38	Indicador na rampa de acesso de um dos estabelecimentos comerciais.....	57
Figura 39	Indicador na escada de um dos estabelecimentos comerciais.....	57
Figura 40	Praça Quintino Bocaiúva.....	57
Figura 41	Indicador em um dos cantos da Praça.....	57
Figura 42	Seção da Praça Quintino Bocaiúva no Mapa 2....	57
Figura 43	Indicador em um dos canteiros da Praça.....	58
Figura 44	Indicador no orelhão ao lado da banca na Praça.	58
Figura 45	Indicador em uma das rampas de acesso da Praça.....	58
Figura 46	Indicador na banca de jornais da Praça.....	58
Figura 47	Indicador na fonte da Praça.....	58
Figura 48	Indicador na escada do coreto.....	58
Figura 49	Igreja Matriz na Praça.....	59
Figura 50	Indicador em um dos cantos da Igreja.....	59
Figura 51	Indicador em uma das escadas da Igreja.....	59
Figura 52	Mapa tátil do Centro de Bernardino de Campos..	60
Figura 53	Mapa tátil da Praça Quintino Bocaiúva.....	61
Figura 54	Legenda dos Mapas.....	62
Figura 55	Quarteirão da Prefeitura com representação das escadas no comércio.....	68
Figura 56	Mapa 1 corrigido.....	68

Sumário

1	Introdução	9
1.1	Objetivos	11
2	Inclusão, Acessibilidade e Cartografia	12
2.1	Breve Histórico	12
2.2	Inclusão	14
2.2.1	Legislação sobre Inclusão	15
2.2.2	Legislação municipal de Bernardino de Campos	16
2.3	Acessibilidade	18
2.3.1	Legislação sobre Acessibilidade	19
2.4	Cartografia e Cartografia Tátil	20
3	Caracterização da área de estudo	23
3.1	Localização e aspectos gerais do município de Bernardino de Campos-SP	23
3.2	Localização e caracterização da Praça Quintino Bocaiúva e seu entorno no município de Bernardino de Campos-SP	26
4	Normas ABNT para pessoas com deficiência	27
4.1	Análise da acessibilidade da Praça e proposta de intervenção	31
5	Entrevistas	35
6	Construção dos mapas táteis da Praça Quintino Bocaiúva e de seu entorno	38
7	Avaliação dos Mapas	63
7.1	Avaliação 1	63
7.2	Avaliação 2	65
8	Considerações Finais	69
9	Referências	71
10	Anexo 1 – Planta do Perímetro Urbano de Bernardino de Campos	75
11	Anexo 2 – Entrevistas Completas	77

1. Introdução

Inclusão e Acessibilidade são importantes temas para a sociedade, pois se trata de inserir nela pessoas menos favorecidas e/ou com deficiência. A geografia pode ajudar nos questionamentos sobre os tipos de acessibilidade que existem, se há algum desses tipos e quais as condições em que se encontram, principalmente o estado de conservação de formas físicas de acesso. Uma das áreas que apresenta contribuições para esses temas é a da cartografia, pois a produção de mapas auxilia na localização, aprendizado e planejamento de qualquer indivíduo ou grupo; no caso de uma pessoa com deficiência visual, por exemplo, o tipo de mapa elaborado é o tátil, com formas em relevo e escrita braile, que são fundamentais para a circulação e mobilidade dessas pessoas.

Para a população com deficiência do Brasil foi criado em 1999, o CONADE: O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência, órgão superior de deliberação colegiada, criado para acompanhar e avaliar o desenvolvimento de uma política nacional para inclusão da pessoa com deficiência e das políticas setoriais de educação, saúde, trabalho, assistência social, transporte, cultura, turismo, desporto, lazer e política urbana dirigida a esse grupo social, e para a participação destes na definição, planejamento e avaliação das políticas destinadas à pessoa com deficiência.

Considerando que a população brasileira com deficiência é significativa, a escolha do tema foi para discutir possibilidades de melhoria da qualidade de vida dos habitantes com deficiência do Município de Bernardino de Campos/SP, que segundo dados do censo de 2010 do IBGE, são um total de 1.979 habitantes, subdivididos em pessoas com deficiência auditiva, mental, motora e visual. Destas, 1.324 são pessoas com deficiência visual.

Como a pessoa com deficiência visual depende do tato para formar conceitos espaciais, entender informações geográficas e criar internamente imagens do ambiente, o processo de transformação de dados geográficos em mapas e diagramas necessita ser adaptado a um produto final específico, com uma linguagem tátil. (VASCONCELLOS, 1993 apud SENA; CARMO, 2008)

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) (BRASIL, 1996), é necessário que haja recursos educativos para atender as necessidades das pessoas com deficiência visual, ou seja, materiais táteis utilizados como facilitadores de mobilidade em diversos locais urbanos e/ou rurais. Esses materiais são conhecidos como tecnologia assistiva, que seria “todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com restrições sensório-motoras e, consequentemente, promover vida independente e inclusão” (ALMEIDA; LOCH, 2005)

Porém, na elaboração de mapas e maquetes, para que pessoa com deficiência visual possa efetuar a leitura do mapa tátil, é necessário adaptar os materiais às suas especificidades e considerar o seu nível de conhecimento, pois, para que a comunicação seja eficiente, o profissional e o usuário devem possuir a mesma base de conhecimento. (ROBBI, 2008 apud ANDRADE; SANTIL, 2010)

Com isso, é preciso transportar para os recursos táteis as características essenciais dos objetos e representar suas semelhanças; com uma relação e uma representação mediadas, ligadas à ação e aos objetos, ocorre a construção do que está mais próximo da realidade e a interpretação de realidades mais longínquas. (SILVA; ESCANILLA, 2010)

A partir disso, o presente trabalho tem o intuito de tentar trazer melhorias na acessibilidade da Praça Quintino Bocaiúva (e de seu entorno) no município de Bernardino de Campos, falando sobre o que são inclusão e acessibilidade e suas respectivas leis e normas, e como a cartografia (e sua versão tátil) pode ajuda-las; além da caracterização geral do município e da área de estudo. Assim, foram construídos mapas táteis da praça, depois de muita pesquisa com coleta de dados, observação da situação em que se encontram as atuais formas de acessibilidade no local e entrevistas. Ao final, os mapas foram avaliados por pessoas com deficiência visual, para constatar se a informação contida naqueles foi bem apresentada.

1.1 Objetivos

No decorrer da produção, chegou-se no objetivo geral do trabalho: discutir a possibilidade de melhorar a acessibilidade para pessoas com deficiência na praça central da cidade de Bernardino de Campos/SP. Para alcançar esse objetivo foram propostos os seguintes objetivos específicos: analisar o grau de acessibilidade da área, pensar em melhorias para pessoas com deficiência e, elaborar e avaliar um mapa tátil para melhor localização das pessoas com deficiência visual.

2. Inclusão, Acessibilidade e Cartografia

2.1 Breve Histórico

Historicamente, a inclusão levou muito tempo para surgir e se estabelecer, pois no início ocorriam exclusões sociais e atendimentos segregados, passando para a integração social e, depois, a inclusão social. Pouco antes da integração existia o Modelo Médico da Deficiência, onde as pessoas com deficiência são designadas como desamparados e passivos, dependentes de outras pessoas e incapazes ou inválidos. (STIL, 1990 apud SASSAKI, 2010)

Já a integração, segundo Sasaki (2010, p. 33):

Tem consistido no esforço de inserir na sociedade pessoas com deficiência que alcançaram um nível de competência compatível com os padrões sociais vigentes. A integração tinha e tem o mérito de inserir a pessoa com deficiência na sociedade, sim, mas desde que ela esteja de alguma forma capacitada a superar as barreiras físicas, programáticas e atitudinais nela existentes.

Segundo o livro “30 anos do AIPD: Ano Internacional das Pessoas com Deficiência 1981-2011”, publicado pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, a história se inicia na Antiguidade, onde as pessoas com deficiência eram abandonadas ou eliminadas por não serem “adequadas” para a sociedade em que viviam; na Idade Média, elas já não eram mais eliminadas, mas sofriam com o preconceito da população e eram obrigadas a se esconder.

Já entre os séculos XVIII e XIX, essas pessoas eram obrigadas a viver em asilos e conventos (que mais pareciam prisões), sem assistência ou tratamentos especiais, sendo indesejadas pelos outros. Apenas no final do século XIX e em meados do XX, é que surgem escolas e classes especiais para oferecer uma educação diferenciada para aqueles que têm deficiência; sendo que foi somente nos anos 1970, que surgem movimentos de integração deles em ambientes oferecidos àqueles sem deficiência. (SÃO PAULO, 2011)

O mesmo livro fala que os movimentos de integração surgiram com os serviços de reabilitação da população que atuava na sociedade antes de adquirir alguma deficiência, porém não se preocupava com deficiências de nascimento ou logo após o nascimento. A partir da década de 1980, a reabilitação foi substituída, de forma mais profunda, pela integração, que atendia a todos com deficiência. Então surge, na década de 1990, a ideia de inclusão, que diferente da anterior, tem uma maior preocupação com as pessoas com deficiência, cobrando da sociedade uma ação conjunta para adaptar os ambientes internos e externos a todas as pessoas (com ou sem deficiência).

Porém, a luta das pessoas com deficiência pelos seus direitos se iniciou após a Segunda Guerra, com ex-combatentes que se feriram nela; tomando impulso na década de 60, com a luta pelos direitos civis. No Brasil, as associações de pessoas com deficiência (existentes desde a década de 50), se uniram em 1979/1980 em novas organizações que defendiam os direitos deste segmento social. Essas organizações surgiram à época da redemocratização do país, reivindicando direitos e denunciando preconceitos e discriminações. Esse movimento resultou do desejo deles de assumirem o próprio destino e se tornarem agentes de si mesmos e porta vozes de seus problemas, sem intermediação de outros. (SÃO PAULO, 2011)

Assim, as novas organizações surgiam com um caráter político e mobilizador, propondo transformações na realidade que viviam, com acessibilidade, equiparação de oportunidades e melhores serviços de reabilitação. Com isso o movimento passou a surgir em diversas localidades do Brasil, além de São Paulo (onde começou); sendo iniciado por pessoas que foram “reabilitadas” em instituições que detinham o saber sobre as deficiências, mas que queriam falar por si mesmas. Alguns exemplos de associações são: o Clube de Paraplégicos de São Paulo (CPSP), a Associação Brasileira de Deficientes Físicos (Abradef), e a Fraternidade Cristã de Doentes e Deficientes (FCD). Todas as ações criadas e comandadas pelas pessoas com deficiência culminaram no Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981), e continuam influenciando o pensamento da sociedade atual. (SÃO PAULO, 2011)

2.2 Inclusão

A inclusão é um movimento educacional, social e político que visa defender o direito de todos os indivíduos de participarem (de forma consciente e responsável) da sociedade e serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. Na educação, defende o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem suas potencialidades; sendo que, esse tipo de educação foi talhado conforme as necessidades, interesses e características dos alunos. Da mesma forma no trabalho, esportes, turismo e cultura. (FREIRE, 2008)

Alguns conceitos relacionados à inclusão são autonomia, independência, empoderamento, impedimento, deficiência e incapacidade. Autonomia seria o domínio do ambiente físico e social, preservando a privacidade e dignidade da pessoa; independência é a faculdade do indivíduo de decidir sobre algo sem depender de outras pessoas; empoderamento é usar o seu poder pessoal para fazer escolhas e tomar decisões. A partir disso temos as definições relacionadas a pessoas com deficiência, onde:

Impedimento – Qualquer perda ou anormalidade da função ou estrutura psicológica, fisiológica ou anatômica. Deficiência – Qualquer restrição ou falta (resultante de um impedimento) da habilidade de desempenhar uma atividade de uma maneira, ou com variância, considerada normal para um ser humano. (UNITED NATIONS, 1983 apud SASSAKI, 2010, p. 46)

Incapacidade: é o resultado de uma interação entre uma pessoa com impedimento ou deficiência e o ambiente social, cultural ou físico. (KEER e PLACEK, 1995 apud SASSAKI, 2010, p. 47)

Ainda para Keer e Placek, 1995, a inclusão exerce influência sobre abordagens tradicionais levando atletas, artistas, religiosos, pesquisadores e outros, a buscarem respostas inclusivistas para a participação das pessoas com deficiência nas respectivas atividades. Na educação, é importante destacar a inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais no ensino comum, pois não basta coloca-los na escola, precisa-se de uma

reorganização no sistema educacional para desenvolver habilidades cognitivas, culturais e sociais, respeitando as diferenças e atendendo as necessidades.

2.2.1 Legislação sobre Inclusão

Para discutir a questão da inclusão na escala municipal é preciso conhecer a legislação vigente. Desta forma, optou-se neste trabalho, destacar declarações internacionais e leis federais que norteiam ou deveriam nortear o trabalho das prefeituras. Assim:

Na Declaração Mundial de Educação para Todos de 1990, no documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), consta: “as necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial”.

A Declaração de Salamanca de 1994 é uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU) e foi concebido na Conferência Mundial de Educação Especial, em Salamanca. O texto trata de princípios, políticas e práticas das necessidades educativas especiais, e dá orientações para ações em níveis regionais, nacionais e internacionais sobre a estrutura de ação em Educação Especial. No que tange à escola, o documento aborda a administração, o recrutamento de educadores e o envolvimento comunitário.

A Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência, mais conhecida como Convenção da Guatemala, resultou, no Brasil, no Decreto N° 3.956 de 2001. O texto brasileiro afirma que as pessoas com deficiência têm “os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas a discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano”.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2009 foi aprovada pela ONU e tem o Brasil como um de seus signatários. Ela afirma que os países são responsáveis por garantir um sistema de Educação inclusiva em todas as etapas de ensino.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 estabelece “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. Define, ainda, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Estabelecendo a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como um dos princípios para o ensino e garante, como dever do Estado, a oferta do atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

A Lei nº 7.853 de 1989 dispõe sobre o apoio às pessoas com deficiência e sua integração social. Define como crime recusar, suspender, adiar, cancelar ou extinguir a matrícula de um estudante por causa de sua deficiência, em qualquer curso ou nível de ensino, seja ele público ou privado. A pena para o infrator pode variar de um a quatro anos de prisão, mais multa.

A Lei nº 10.436 de 2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Portaria nº 2.678 de 2003 aprova diretriz e normas para o uso, o ensino, a produção e a difusão do Sistema Braille em todas as modalidades de ensino, compreendendo o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e a recomendação para o seu uso em todo o território nacional.

2.2.2 Legislação municipal de Bernardino de Campos

Art. 166 - Cabe ao Poder Público Municipal, bem como à família, assegurar à criança, ao adolescente, ao idoso e às pessoas com deficiências, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los à salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e agressão.

Art. 167 - O Município promoverá programas especiais, admitindo a participação de entidades não governamentais e tendo como propósito:

II - concessão de incentivo a empresas, na forma da lei, para absorção do adolescente ou aprendiz, bem como àquelas que adequarem seus equipamentos, instalações e rotinas de trabalho às pessoas com deficiências;

III - garantia a pessoas idosas de condições de vida apropriadas, frequência e participação em todos os equipamentos, serviços e programas culturais, educacionais, esportivos, recreativos e de lazer, defendendo sua dignidade e visando a sua integração à sociedade;

V - criação e manutenção de programas profissionalizantes destinados às crianças e adolescentes no período extraescolar.

Art. 168 - O Município assegurará condições de prevenção de deficiência, com prioridade para a assistência pré-natal e à infância, promovendo a integração social da pessoa com deficiência, através de treinamento para o trabalho e para a convivência mediante subvenção a entidades sociais que atendam os que não tenham condições de frequentar a rede regular de ensino, de forma a criar centros profissionalizantes para treinamento, habilitação e reabilitação profissional.

Art. 169 - É assegurado, na forma da lei, às pessoas com deficiências e aos idosos, acesso adequado aos logradouros e edifícios de uso público, bem como aos veículos de transporte coletivo urbano.

Art. 170 - Aos menores de 06 (seis) e maiores de 60 (sessenta) anos de idade, bem como às pessoas com deficiência, é garantida a gratuidade no transporte coletivo urbano, bem como nos estádios, ginásios e outros, explorados pelo Município ou por seus concessionários ou permissionários, mediante a simples apresentação de documento de identificação pessoal.

Observando as declarações internacionais, as leis federais e a legislação municipal, podemos perceber uma crescente preocupação com a inclusão das pessoas com deficiência, a partir do final do século XX, na sociedade; porém é muito difícil encontrarmos locais onde ocorre a aplicação das leis para este setor da população, salvo em grandes e médias cidades (em

algumas áreas), pois nas pequenas quase não existe, e onde tem não é aplicada.

2.3 Acessibilidade

Acessibilidade são a possibilidade e a condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização, com segurança e autonomia, elementos e equipamentos urbanos. É acessível todo espaço que possa ser alcançado, acionado, utilizado, vivenciado ou percebido em sua totalidade, por qualquer pessoa (inclusive aquelas com mobilidade reduzida); também implica acessibilidade física e comunicacional. A partir disso, surge o conceito de Design Universal – projetar produtos, ambientes e comunicação de uso igual para todas as pessoas, mas respeitando as necessidades individuais. (SENA, 2011)

Já para Sassaki (2009), a acessibilidade é condição de possibilidade para a transposição dos entraves que representam as barreiras para a efetiva participação de pessoas nos vários âmbitos da vida social. A mesma é condição fundamental e imprescindível a todo e qualquer processo de inclusão social, e se apresenta em múltiplas dimensões (de natureza atitudinal, física, tecnológica, informacional, comunicacional, linguística e pedagógica, dentre outras). A promoção da acessibilidade requer a identificação e eliminação dos diversos tipos de barreiras que impedem os seres humanos de realizarem atividades e exercerem funções na sociedade em que vivem em condições similares aos demais indivíduos.

O mesmo autor nos diz que a acessibilidade tem seis dimensões: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. A acessibilidade é uma qualidade e facilidade que se deve ter em todos os aspectos e contextos da atividade humana. Além disso, se for projetada sobre os princípios do desenho universal, beneficiaria todas as pessoas, elas tendo ou não deficiência.

Além disso, existem diversas formas de acessibilidade: arquitetônica (melhor acesso a diversos tipos de construções), comunicacional (sem barreiras nas comunicações interpessoal, escrita, virtual e sinalizada),

metodológica (substituição do tradicional), instrumental (aparelhos, utensílios e outros dispositivos), programática e atitudinal (eliminar barreiras políticas e preconceitos, respectivamente); além da tecnológica (relacionada às outras).

Entretanto, não é o objetivo deste trabalho discutir as diversas dimensões e formas da acessibilidade, mas é necessário destacar que as mesmas são fundamentais em uma proposta de inclusão.

2.3.1 Legislação sobre Acessibilidade

O Decreto Nº 5.296/04 de 2004, regulamenta as leis nº 10.048/00 e nº 10.098/00, estabelecendo normas e critérios para a promoção da acessibilidade às pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida (implementação do Programa Brasil Acessível).

A Lei Nº 4.169 de 1962, oficializa as convenções Braille para uso na escrita e leitura dos cegos e o Código de Contrações e Abreviaturas Braille.

A Lei Nº 10.098 de 2000, estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

A Lei Nº 10.436 de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Reconhecendo ela como meio legal de comunicação e expressão, determinando formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, e incluí-la como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

A Lei Nº 11.126 de 2005, dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia.

Observando a legislação brasileira sobre acessibilidade percebemos que ocorre o mesmo da inclusão: a teoria diz o que deve ser feito, mas na prática não é isso que ocorre. Geralmente a acessibilidade é vista em certos locais de grande movimentação em metrópoles e grandes e médias cidades (como São Paulo e Rio de Janeiro), mas em pequenas cidades, como Bernardino, se nota pouca preocupação em facilitar o acesso de pessoas com deficiência a

todos os locais; haja visto, que não tem nem legislação específica na própria lei orgânica do município.

Foi apenas nos últimos anos que os setores público e privado iniciaram a preocupação em fazer reformas nas construções seguindo as normas e leis impostas. Entretanto, ainda falta muito para atingir o ideal, além de haver lugares onde as formas de acesso estão destruídas, interditadas ou irregulares; é por essas e outras razões que algumas pessoas não saem de suas casas, por conta da dificuldade de se locomover nas ruas e calçadas.

2.4 Cartografia e Cartografia Tátil

Para destacar a importância da cartografia para este trabalho e para outros, precisamos mostrar o que ela é e como funciona.

No Século XIX e início do Século XX, a Cartografia era considerada uma subdivisão da geodésia e seu interesse científico estava limitado às projeções cartográficas.

Na década de 1930, a Cartografia era a ciência que estudava mapas geográficos e os métodos e processos de sua composição e reprodução.

Segundo a ONU em 1949, a Cartografia é a ciência que tratava da confecção de cartas de todos os tipos, abrangendo todas as fases de trabalho, desde o levantamento até a impressão.

Para a ASSOCIAÇÃO CARTOGRÁFICA INTERNACIONAL em 1966, a Cartografia é o conjunto de estudos e das operações científicas, artísticas e técnicas que intervêm a partir dos resultados das observações diretas ou da exploração de uma documentação, tendo em vista a elaboração de cartas, plantas e outros modos de expressão, assim como sua utilização. Em 1991, a Associação acrescenta que é a disciplina que trata da concepção, produção, disseminação e estudo de mapas.

Para Martinelli (1991, p. 9) a cartografia seria uma representação gráfica, pois

Estas fazem parte do sistema de sinais que o homem construiu para se comunicar com os outros. Compõem uma linguagem

gráfica, bidimensional, atemporal destinada à vista. Tem supremacia sobre as demais, pois demanda apenas um instante de percepção. Expressa-se mediante a construção da IMAGEM – forma de conjunto captada num instante mínimo de percepção – porém distinta daquela figurativa, como a fotografia, de características polissêmicas. Integra, ao contrário o sistema semiológico monossêmico.

A partir da cartografia, temos a cartografia tátil, que é a confecção de mapas e outros produtos cartográficos que possam ser lidos por pessoas cegas e com baixa visão. Os mapas e gráficos táteis podem funcionar como recursos educativos e facilitadores de mobilidade em edifícios públicos de grande circulação. (LOCH, 2008)

Segundo Almeida (2011),

Mapas são representações gráficas do espaço e, como abstrações da realidade, pertencem ao mundo das imagens. Pessoas com deficiência visual precisam que essas imagens sejam percebidas por outros canais de percepção, substituindo a visão. Um mapa é chamado tátil quando está num formato que se permite ser “visto pelo toque”; nesse caso é construído utilizando-se uma linguagem gráfica tátil com signos em relevo. (ALMEIDA, 2011)

Para a mesma autora, esses mapas são importantes para que um deficiente visual possa se deslocar entre os lugares, desenvolver percepções de espaço e coletar informações geoespaciais. Assim, existem dois tipos de mapas: orientação e mobilidade, e geográficos (geral ou temáticos). Mapas de orientação e mobilidade são utilizados como um apoio para se locomover em um determinado espaço, a orientação fornece uma visão geral da área e a mobilidade traz uma informação mais detalhada para a locomoção segura de um lugar a outro. Já os mapas geográficos, eles representam áreas mais extensas e em menor escala que os anteriores; os gerais podem ser físicos ou políticos, e os temáticos, qualitativos e quantitativos, sendo que ambos são

adaptados ao formato tátil com diversos formatos e escalas. Em relação às cartas topográficas, o relevo precisa do auxílio de modelos e maquetes (com símbolos táteis e textos em braile) para facilitar a percepção da pessoa com deficiência.

Para Sena (2011), a produção de mapas táteis é muito parecida com a produção de mapas comuns, e se utiliza de mapas convencionais para a criação da representação tátil. Porém, é preciso fazer mudanças nas normas cartográficas: como fazer generalizações e aumentar a distância de certos elementos para com outros, escolher as variáveis que melhor representarão a informação, e também utilizar textos em braile e recursos sonoros. Entretanto, esta produção pode conter algumas limitações como tempo e custo de materiais; por conta disso os profissionais sempre optam pela produção artesanal ao invés de acetato, papel micro capsulado ou impressoras tridimensionais.

Na geografia, para ocorrer a inclusão, é preciso traduzir a linguagem visual em linguagem tátil, para isso existem diversas técnicas para construir imagens em relevo, utilizando uma linguagem gráfica tátil (ou recursos sonoros). Ao produzir uma representação tátil, deve-se considerar todas as variáveis: custo, resistência, durabilidade, definição e contraste dos símbolos (legibilidade), e, o perfil dos usuários. As principais técnicas são: representações em alumínio, colagem, porcelana fria, serigrafia e papel microcapsulado; além das maquetes. (ALMEIDA, CARMO, SENA, 2011)

Para este trabalho optou-se pelo uso da técnica da colagem na produção dos mapas táteis da Praça Quintino Bocaiúva. Essa técnica é importante, pois pode agregar variadas texturas para representar as informações pontuais, lineares e zonais (miçangas, botões, barbantes, soutache, cordões, retalhos de tecido, lixas, velcro, papel cartonado, areia, isopor, EVA, plásticos); mas, deve-se considerar que a representação final poderá servir de matriz para cópias, ou seja, deve conter materiais resistentes ao calor. (ALMEIDA, CARMO, SENA, 2011)

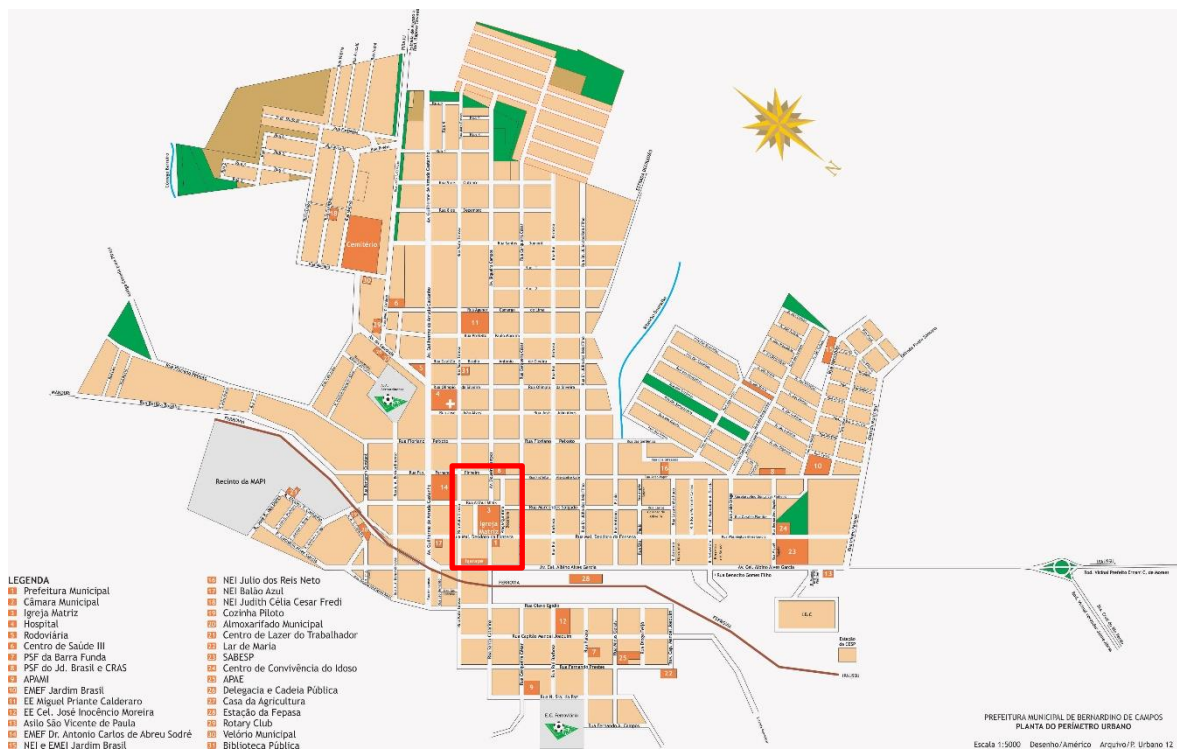
A elaboração e avaliação dos mapas são detalhadas nos capítulos 6 e 7, respectivamente.

Figura 2: Localização do Município de Bernardino de Campos.



Fonte: IBGE Cidades¹.

Figura 3: Localização da Área de Estudo na Planta Municipal.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bernardino de Campos (2016).

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/panorama>. Acesso em 2013.

A área municipal está compreendida pelas bacias do Alto Paranapanema e Médio Paranapanema, sua sede integra o Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema; e a cidade está situada na Sub Bacia do Rio Paranapanema Inferior. Bernardino de Campos está inserido na Bacia Sedimentar do Paraná (formada por material sedimentar, mas ocorrendo também lavas basálticas). (IPT, 1981) O município se localiza em domínios do Grupo Bauru, Formação Adamantina. (IPT, 1981)

A cidade está situada no Planalto Centro Ocidental que ocupa a maior parte da Bacia Sedimentar do Paraná. Nesta unidade, ocorrem formas de relevo denudadas com colinas amplas e baixas, de topos convexos e topos tabulares. A litologia é constituída por arenitos com Latossolos Vermelho-Amarelos e Podzólicos Vermelho-Amarelos. (ROSS; MOROZ, 1997)

O clima pode ser classificado como tropical úmido, na região chove, em média, cerca de 1.200 mm/ano. Na região encontram-se florestas estacionais semi-decíduas e formações de cerrado. O solo predominante é o Latossolo Vermelho Escuro, sendo caracterizado com solo muito evoluído, num avançado estágio de intemperização.

A população no último censo do IBGE (2010) era de 10.775 habitantes, sendo estimada em 2018 para 11.137 pessoas; as pessoas com deficiência somam 1.979 pessoas. A economia bernardinense é focada na produção agropastoril, com produtos como: cana-de-açúcar, abacate, palmito, algodão, gado leiteiro, galináceos e suínos; ocorre também a extração de madeira de eucalipto. Há também indústrias têxteis e de alimentos. O número total de escolas, estabelecimentos de saúde e entidades assistenciais é de: nove escolas públicas e uma particular; um hospital público, três unidades de saúde da família e uma unidade do SAMU; e nove entidades assistenciais, sendo uma delas para pessoas com deficiência (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE).

3.2 Localização e caracterização da Praça Quintino Bocaiúva e seu entorno no município de Bernardino de Campos-SP

Localizada no Bairro Centro, a Praça Quintino Bocaiúva (Praça da Matriz) é o centro e ponto de encontro da população. Sendo bem arborizada, é nela que se encontra a Igreja Matriz, o Coreto e o banheiro público. No entorno se encontram a Prefeitura e diversas casas e estabelecimentos comerciais, como bares e lojas, além de um banco. A praça é considerada como o marco zero do início da urbanização atual da cidade (ao sul da linha férrea). Bernardino de Campos surgiu com a chamada Estrada de Ferro Sorocabana, no Bairro Barra Funda, onde a maior parte dos habitantes vivia. A cidade começou a crescer para além dos trilhos com a chegada do Coronel Albino Alves Garcia que passou a plantar café na região.

Figura 4: Mapa aproximado da área de estudo.



Fonte: Google Maps².

² <https://www.google.com.br/maps/place/Bernardino+de+Campos,+SP,+18960-000/@-23.0132558,-49.4756862,18z/data=!4m5!3m4!1s0x94c05a4735ccbd7f7:0x47089d84252dcbd0!8m2!3d-23.0147985!4d-49.4731864>

4. Normas ABNT para pessoas com deficiência

Para auxiliar os decretos e leis de inclusão e acessibilidade, foram criadas diversas normas para facilitar a locomoção e melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência. As normas focam as áreas de mobilidade, comunicação e transporte veicular. As mais importantes para uma cidade do porte de Bernardino são as duas primeiras, pois as pessoas andam geralmente a pé e precisam se localizar por meio das sinalizações; em relação ao transporte, como dito não há transporte coletivo interno, e são poucas as pessoas que têm carro adaptado.

Tabela 1: Normas da ABNT para pessoas com deficiência.

1	Norma 14020	1970	Acessibilidade à pessoa com deficiência em Trem de Longo Percurso
2	Norma 14273	1999	Acessibilidade à pessoa com deficiência no Transporte Aéreo Comercial
3	Norma 14970-1	2003	Requisitos de Dirigibilidade
4	Norma 14970-2	2003	Diretrizes para avaliação clínica de condutor
5	Norma 14970-3	2003	Diretrizes para avaliação da dirigibilidade do condutor com mobilidade reduzida em veículo automotor apropriado
6	Norma 16001	2004	Requisitos para a responsabilidade social no sistema de gestão
7	Norma 14021	2005	Acessibilidade no sistema de trem urbano ou metropolitano
8	Norma 15250	2005	Acessibilidade em caixa de autoatendimento bancário
9	Norma 15290	2005	Acessibilidade em comunicação na televisão
10	Norma 15320	2006	Acessibilidade à pessoa com deficiência no transporte rodoviário
11	Norma 15450	2006	Acessibilidade de passageiro no sistema de transporte aquaviário
12	Norma 313	2007	Requisitos de segurança para construção e instalação de elevadores de passageiros - Requisitos particulares para a acessibilidade das pessoas, incluindo pessoas com deficiência
13	Norma 15646	2008	Plataforma elevatória veicular e rampa de acesso veicular para acessibilidade em veículos com características urbanas para o transporte coletivo de passageiros
14	Norma 15599	2008	Comunicação na Prestação de Serviços de Acessibilidade
15	Norma 15570	2009	Especificações técnicas para fabricação de veículos de características urbanas para transporte coletivo de passageiros
16	Norma 15655-1	2009	Requisitos para segurança, dimensões e operação funcional de plataformas de elevação

			motorizadas para pessoas com mobilidade reduzida
17	Norma 26000	2010	Diretrizes sobre responsabilidade social
18	Norma 14022	2011	Acessibilidade em veículos de características urbanas para o transporte coletivo de passageiros
19	Norma 15208	2011	Requisitos para veículo auto propelido para embarque/desembarque de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida
20	Norma 9050	2015	Acessibilidade a Edificações, Mobiliário, Espaços e Equipamentos Urbanos
21	Norma 15646	2016	Requisitos para plataforma elevatória veicular e rampa de acesso veicular para acessibilidade de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, em veículo de transporte de passageiros de categorias M1, M2 e M3
22	Norma 16537	2016	Diretrizes para elaboração de projetos e instalação de sinalização tátil no piso

Fonte: Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2016).

Para fazer uma análise da situação em que se encontra a acessibilidade na praça, foi escolhida uma das normas: a Norma Brasileira 9050 de 2015, (sobre mobilidade na área urbana). Foram realizadas medições com uma fita métrica em rampas, degraus e sinalizações táteis nos quarteirões que compõem a área de estudo; e os objetos encontrados no banheiro público, localizado atrás da igreja.

Analizando as rampas, a maioria era rebaixada para permitir a entrada de veículos, e provavelmente com larguras de 1,50 m ou acima. Poucas rampas são utilizadas como acesso: algumas se localizam em frente a estabelecimentos comerciais, outras servem de entrada em esquinas e na própria praça; quase todo este grupo tem largura inferior ao mínimo aceitável pela ABNT – 1,20 m. As portas dos estabelecimentos com rampas na entrada estão dentro dos padrões dimensionais estabelecidos.

Em relação à inclinação das rampas foi constatado que nem todas estão dentro das normas, estando abaixo ou acima do nível estabelecido: de 5% a 8,33% (em casos normais); e 8,33% a 12,5% (em reformas quando esgotadas as soluções). As rampas que se encaixam na norma têm inclinação entre 6,25% e 8,33%, e 8,33% e 12,5%; sendo que a maioria se encaixa na última porcentagem, pois é fruto de uma reforma, com o intuito de melhorar o acesso aos locais observados. Algumas rampas, entretanto oferecem dificuldades por serem muito inclinadas, se localizando em áreas de grande circulação pública: a Prefeitura (a rampa está em frente a uma porta fechada), a Farmácia Municipal (onde uma das rampas não tem um patamar para diminuir a dificuldade de acesso ao piso superior), e uma rampa na igreja que teve a altura aumentada por causa da reforma.

Com relação aos degraus, segundo a norma, a maioria pode ser considerada como degrau isolado, pois todos contêm entre um ou dois degraus; as únicas exceções são as duas escadas que fazem parte da igreja, e a do coreto. Durante o campo foi detectado que apenas cinco dos estabelecimentos comerciais tem degraus com pisos e espelhos nas dimensões estabelecidas pela lei, mas, é provável que não tenham sido feitos com esse propósito. As escadas, da igreja e do coreto, não seguem

totalmente as normas, apesar de terem dimensões constantes em todos os degraus.

A sinalização tátil se encontra apenas em frente à agência do Banco do Brasil, que foi reformada, e em toda a volta da praça, próximo à sarjeta. No banco, a sinalização se localiza na rampa de acesso, sendo esta de alerta. As dimensões medidas estão em conformidade com a norma, exceto a altura que é de 10 mm (o máximo é 5 mm). Na mesma, ocorre a sinalização direcional, que apesar do desgaste do tempo e de estar destruída em algumas partes mantém as dimensões condizentes com a ABNT.

Para os objetos do banheiro, foi observado que as dimensões do lavador e das portas, e a distância da descarga, estão dentro do estabelecido na normativa (exceto a altura do lavador em relação ao chão). A barra que fica ao lado da bacia sanitária, está afastada da parede de forma correta; porém, as outras dimensões (largura, comprimento e altura em relação ao chão) estão incorretas, para as designações da ABNT.

4.1 Análise da acessibilidade da Praça e proposta de intervenção

Considerando tudo que foi descrito, partiu-se para a análise da acessibilidade na área de estudo, onde foram tiradas diversas fotos sobre a situação das construções e formas de acesso na Praça Quintino Bocaiúva (localizada no centro Bernardino de Campos). Após levantar dados sobre a situação da mesma no comércio e com os moradores com deficiência, por meio de entrevistas, foi criada uma proposta de intervenção (mapa tátil) que poderia ajudar a melhorar as condições dos elementos encontrados na área de estudo.

Foi criada então uma representação do entorno da Praça da Matriz utilizando-se um mapa retirado do Google Maps e fotos tomadas pelo próprio autor para elucidar alguns problemas e as soluções previstas pela prefeitura, encontrados no local; que ao serem analisadas, não dão conta da acessibilidade, como observamos nas imagens apontadas por números na Figura 5.

Na Imagem 1, podemos ver uma faixa de pedestres que se localiza em frente à prefeitura; a faixa esta correta, porém não há nenhuma rampa de acesso para pessoas com deficiência motora em ambos os lados da via.

Já na Imagem 2, temos uma faixa de pedestres e rampas nos dois lados da via, pois estão na esquina. (Estas são para aqueles que têm deficiência física).

As Imagens 3 e 4 mostram dois estabelecimentos comerciais que não têm rampas construídas, e suas proprietárias disseram não terem rampas móveis; mas uma delas falou que colocaria uma rampa. Existem vários estabelecimentos na área, mas a maioria contém rampas (alguns junto com escadas). Poucos deles, como os dois primeiros, não têm rampas; em um o proprietário não se encontrou para responder a pergunta sobre rampas; e o outro se encontra em um prédio antigo, com porta estreita e escada com degraus muito altos.

A Imagem 5 contém uma vaga especial para pessoas com deficiência (uma das poucas vagas com este intuito) na frente de uma farmácia. Já as Imagens 6 e 7 mostram duas rampas, uma em cada esquina em uma parte da via que circunda a praça. Isso ocorre em quase todas as esquinas, e nas proximidades.

Na Imagem 8 pode-se observar que antes da implantação da vaga de estacionamento em 45° para motos, havia uma vaga em 45° reservada para pessoas com deficiência física. Na Imagem 9 temos uma área rebaixada, ao sul da praça (em frente a uma residência), que poderia ser utilizada por cadeirantes, mas que se encontra bloqueada por uma árvore. Já a Imagem 10 mostra um dos banheiros públicos localizados atrás da Igreja Matriz. Nele observa-se que há acessibilidade para pessoas com deficiência (apesar da sujeira); porém, existem dois banheiros do tipo, mas apenas um está aberto para uso e não se sabe como abrir o outro.

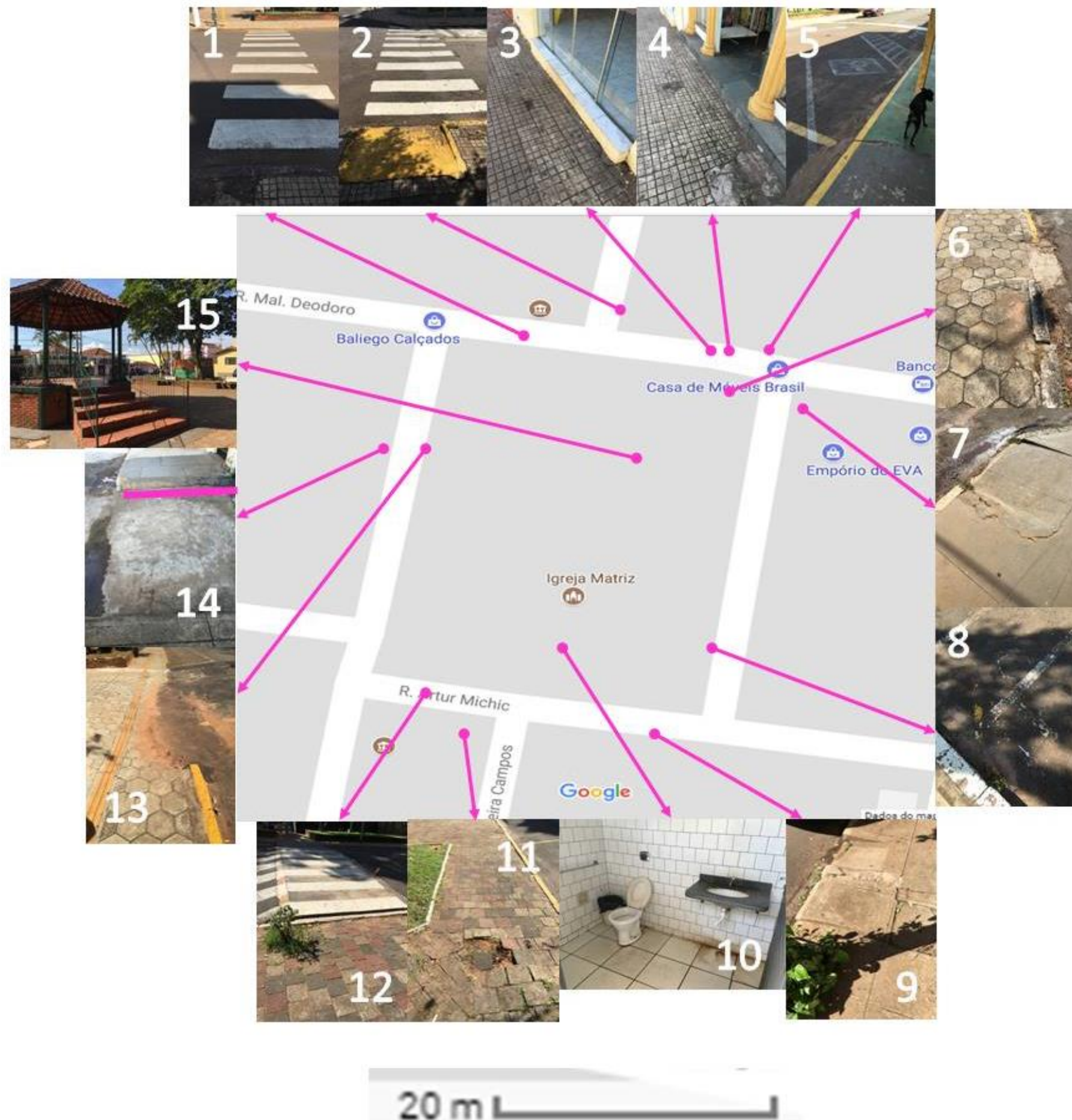
Na Imagem 11, em um local mais ao sul da área de estudo, observa-se a ocorrência de um buraco e alguns desnivelamentos no calçamento, por causa das raízes de uma árvore próxima. E na Imagem 12, vemos uma tentativa de melhorar a acessibilidade, pois foi criada uma lombada no nível do calçamento com uma faixa de pedestres; entretanto, o local tem certo fluxo de

veículos, e não há uma ligação entre a calçada e a lombada, ocorrendo um buraco entre os níveis.

Já na Imagem 13, podemos observar uma área rebaixada na calçada da praça que chega quase a esconder a Sinalização Tátil no Piso para pessoas com deficiência visual (estando ela no interior da Praça da Matriz, próxima à guia da calçada e entre a igreja e os canteiros à sua frente). A imagem 14 mostra a rampa da qual uma das entrevistadas reclamou da dificuldade de acesso (detalhe em rosa).

Por fim, na Imagem 15, temos o coreto central com uma escadaria que evita que cadeirantes acessem a parte superior. Como o local não é considerado patrimônio do município, poderia se construir uma rampa de acesso; porém isso talvez possa descaracterizar a arquitetura original.

Figura 5: Mapa da Praça da Matriz e seu entorno com as imagens tomadas no local.



5. Entrevistas

Foram feitas entrevistas (como conversas) com moradores da cidade que trabalham ou frequentam a praça e o seu entorno; sendo um total de 27 entrevistados, entre comerciantes e pessoas com deficiência física (motora e visual). As perguntas foram objetivas sobre a acessibilidade nela, mas alguns se utilizaram de exemplos de fora da área de estudo. Quase todas foram gravadas, alguns entrevistados pediram que não gravasse, então foi preciso escrever. A primeira pergunta foi sobre o que é acessibilidade e houve pessoas que sabiam e não sabiam o que significa.

Os que sabiam eram pessoas que trabalhavam na área de saúde, pessoa com deficiência, ou que tinham certo conhecimento sobre o assunto; diferente dos outros, o que mostra a falta de informação por parte do governo municipal, estadual ou federal, ou, uma falta de preocupação de alguns proprietários e funcionários, e das pessoas que alugam os locais (alguns deles também não puderam ser encontrados); por isso, para continuar com a entrevista foi preciso explicar o conceito de uma forma que eles pudessem entender.

Tabela 2: Número de pessoas que sabiam o que é acessibilidade.

Pessoas que sabiam	Pessoas que não sabiam
14 pessoas sem deficiência	7 pessoas sem deficiência
3 pessoas com deficiência	1 pessoa com deficiência

Fonte: do autor

As pessoas que sabiam o que era acessibilidade (e algumas outras depois da explicação), incluindo as pessoas com deficiência, disseram que esse conceito, seria algo como: a pessoa ter a possibilidade e a facilidade de acesso a algum lugar aonde queira ir, garantindo o seu direito de ir e vir; tendo ela deficiência ou não; com isso podemos fazer referência às palavras de Sassaki (2009) e Sena (2011). Dois entrevistados não foram perguntados.

Após esta primeira, as outras eram um pouco mais específicas. Para os comerciantes, foi perguntado se havia alguma adaptação nas entradas e o porquê da construção: alguns disseram que havia rampa, para facilitar a entrada de pessoas com deficiência; outros disseram que havia acesso na calçada, mas foi observada a falta de acessibilidade nesses locais; outros então disseram que não, porque é alugado e o proprietário não quer.

Ainda no comércio, as outras duas perguntas foram com relação a se perceberam alguém com dificuldades no acesso à área de estudo ou aos estabelecimentos comerciais, e, se houve alguma reclamação dessas dificuldades: a maioria disse que não percebeu nada e que não houve reclamações de dificuldades. No Bazar/Armarinho as pessoas reclamam de não conseguir subir a escada, pois esta tem degraus muito altos e curtos. No Centro Pastoral e na Cláudia Farma, os funcionários disseram que antes das adaptações serem feitas, as pessoas tinham muitas dificuldades e havia muitas reclamações, mas que agora não tem mais; entretanto, os mesmos reclamaram de problemas na calçada na praça central e na outra que fica ao norte desta.

Após as entrevistas notou-se que algumas pessoas percebem a importância da acessibilidade, e ter acesso a todos os lugares que existem na área estudada (e em outros locais também), porém outras não imaginam o quanto uma adaptação bem feita ajudaria no acesso aos seus estabelecimentos.

Com relação às pessoas com deficiência, as perguntas foram um pouco diferentes, sendo quatro cadeirantes (três deles ainda conseguem andar sem cadeira, mas com bastante dificuldade) e dois com deficiência visual. Todos foram questionados sobre como lidam com o fato de terem deficiência na cidade: dois deles disseram que antes tinham muitas dificuldades, mas que agora, com as adaptações ficou mais fácil se deslocar pela cidade; porém, um deles reclamou das dificuldades em acessar alguns lugares por conta da falta de rampas, inclusive na prefeitura, que tem uma rampa móvel muito íngreme, e que está disposta na frente da porta que eles mantêm fechada.

Os outros reclamaram das dificuldades de andar pelas calçadas, pois estas estão muito danificadas e podem enroscar seus carrinhos/triciclos

motorizados, ou dificultar a locomoção das pessoas com deficiência visual (além da falta e mau estado de conservação da sinalização tátil). Um dos entrevistados reclamou da dificuldade de subir a rampa em frente à Farmácia Municipal (localizada na Praça Mons. Francisco van der Maas, a oeste da área de estudo), por conta de ser muito longa e íngreme, e também da porta estar constantemente fechada e ser preciso chamar alguém para abrir; e também próximo ao Centro Pastoral, onde há uma rampa de difícil acesso. (detalhe na foto 14 da Figura 5) Outro ainda, reclamou de uma das rampas construídas na igreja, por ser muito íngreme e o patamar acima ter uma escada descendo do outro lado. Os entrevistados com deficiência visual e seus parentes reclamaram principalmente das calçadas irregulares e da falta de sinalização tátil.

As outras perguntas para as pessoas com deficiência eram: se eles frequentavam a praça sozinhos ou acompanhados, e com que frequência, à qual quase todos responderam que sim (alguns de forma frequente, outros às vezes); exceto um dos que tem deficiência visual que ia sempre acompanhado, mas que parou de ir, pois não se sentia bem por conta de muito barulho.

A última pergunta era sobre o que precisariam melhorar para tornar o acesso mais fácil, todos disseram que deveriam implantar mais rampas, melhorar a sinalização e a qualidade das calçadas; além do aumento da fiscalização policial, por conta de outras pessoas que param os seus veículos na frente das áreas rebaixadas nas calçadas, impedindo o acesso de cadeirantes.

As entrevistas completas se encontram no anexo 2.

6. Construção dos mapas táteis da Praça Quintino Bocaiúva e de seu entorno

A deficiência visual é classificada em cegueira e baixa visão. A pessoa com baixa acuidade visual apresenta dificuldades para perceber formas de perto ou de longe, ou em ambas as situações; ocorrendo em grau e funções diferentes. Já a pessoa cega, ela percebe, organiza e forma suas impressões de mundo por meio de outros sentidos (audição, olfato, tato e paladar), pois a falta da visão acaba aumentando a sensibilidade dos outros quatro, e implicando restrições perceptivas e sociais, e habilidades sensoriais e psíquicas. Existem dois tipos de cegueira: a congênita, que são indivíduos que nasceram sem a visão ou perderam entre 0 e 5 anos, não retendo memória visual, não sendo capaz de formar conceitos. A cegueira adquirida ocorre a partir dos 5 anos de idade, fazendo com que as pessoas precisem se adaptar a viver sem o canal visual; entretanto, a “aprendizagem não é fácil, pois envolve aspectos orgânicos, psicológicos, sociais e culturais”. (AMIRALIAN, 1997)

O mapa tátil é construído usando os mesmos procedimentos de um mapa visual; assim, o processo cartográfico se inicia com a realidade, que é transformada em uma representação reduzida, codificada e generalizada. O resultado é uma forma de comunicação onde o usuário lê, analisa e interpreta essa representação. A última etapa é a avaliação da eficácia do mapa como meio de comunicação. (ALMEIDA, 2011)

Como a pessoa com deficiência depende do tato para formar conceitos espaciais, entender as informações e criar imagens do ambiente, o processo de transformação dos dados geográficos em mapas precisa ser adaptado à linguagem tátil. Esta foi adaptada a partir da Semiologia Gráfica (1967) de Bertin, que, para ele, o tratamento gráfico utiliza o plano para representar relações de semelhança, ordem e proporção entre dados geográficos. As relações são significados (conceitos) representados por significantes (variáveis visuais).

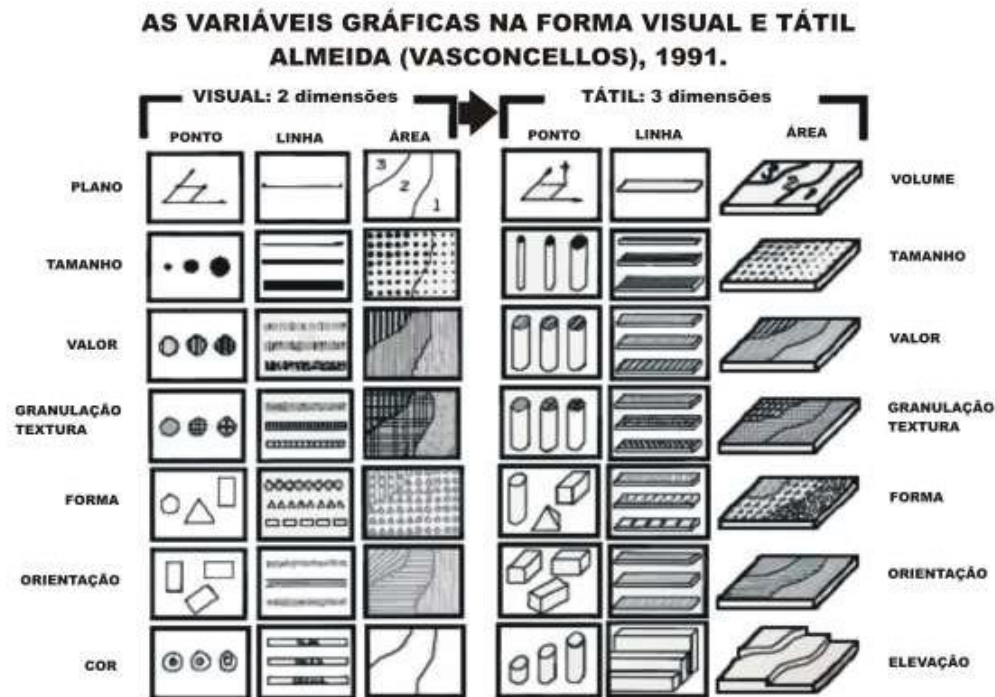
A mesma autora, diz que Bertin definiu oito significantes: as dimensões do plano (x e y), e a terceira dimensão (z), que engloba tamanho, valor,

granulação, cor, orientação e forma. Para a cartografia tátil, as variáveis (z) foram adaptadas para as pessoas com deficiência visual com o intuito de gerar textura (Figura 6). Os mapas devem ter maior generalização e menor precisão (havendo de se fazer redundâncias), pois a resolução do tato é bem inferior à da visão; por isso, o tamanho da representação não deve ser superior a 50 cm, já que a pessoa com deficiência visual precisa unir diversas parcelas da informação para formar uma imagem completa. (ALMEIDA, 2011)

Para a construção e o design do mapa tátil, o LEMADI (Laboratório de Ensino e Material Didático do Departamento de Geografia da USP) nos indica sugestões para essa produção: (ALMEIDA, 2011)

- a) A escolha da linguagem gráfica (design ou solução gráfica) é, provavelmente, a etapa mais importante de todo o processo de produção das representações gráficas destinadas à percepção tátil. É preciso proceder a uma sistematização das regras básicas para a construção dos mapas adaptados à resolução do tato;
- b) A criação e uso de convenções são fundamentais para facilitar a utilização da linguagem cartográfica e a leitura das representações gráficas. A legenda do mapa é um recurso muito importante para o usuário com deficiência visual, pois este grupo de usuários apresenta bastante facilidade na decodificação e leitura de legendas;
- c) A escolha do nível de redução e generalização é vital, da mesma forma que o tamanho da base é importante. A percepção tátil não é global como a visão e possui uma menor resolução, o que significa que a pessoa com deficiência visual precisa juntar pequenas parcelas de informação para formar uma imagem completa;
- d) O tamanho de cada mapa, maquete ou gráfico não deve ultrapassar 50 cm, porque o campo abrangido pelas mãos é muito mais restrito que o campo da visão;
- e) O uso da redundância é indicado, o que significa usar duas variáveis gráficas para representar uma única informação, por exemplo, textura associada a formas;
- f) É importante medir a quantidade de informação a ser representada e nunca sobrecarregar o mapa, é preferível fazer diversos mapas a concentrar informações em um só mapa.

Figura 6: Variáveis Visuais e Táteis.



Fonte: Sena (2008, p. 43).

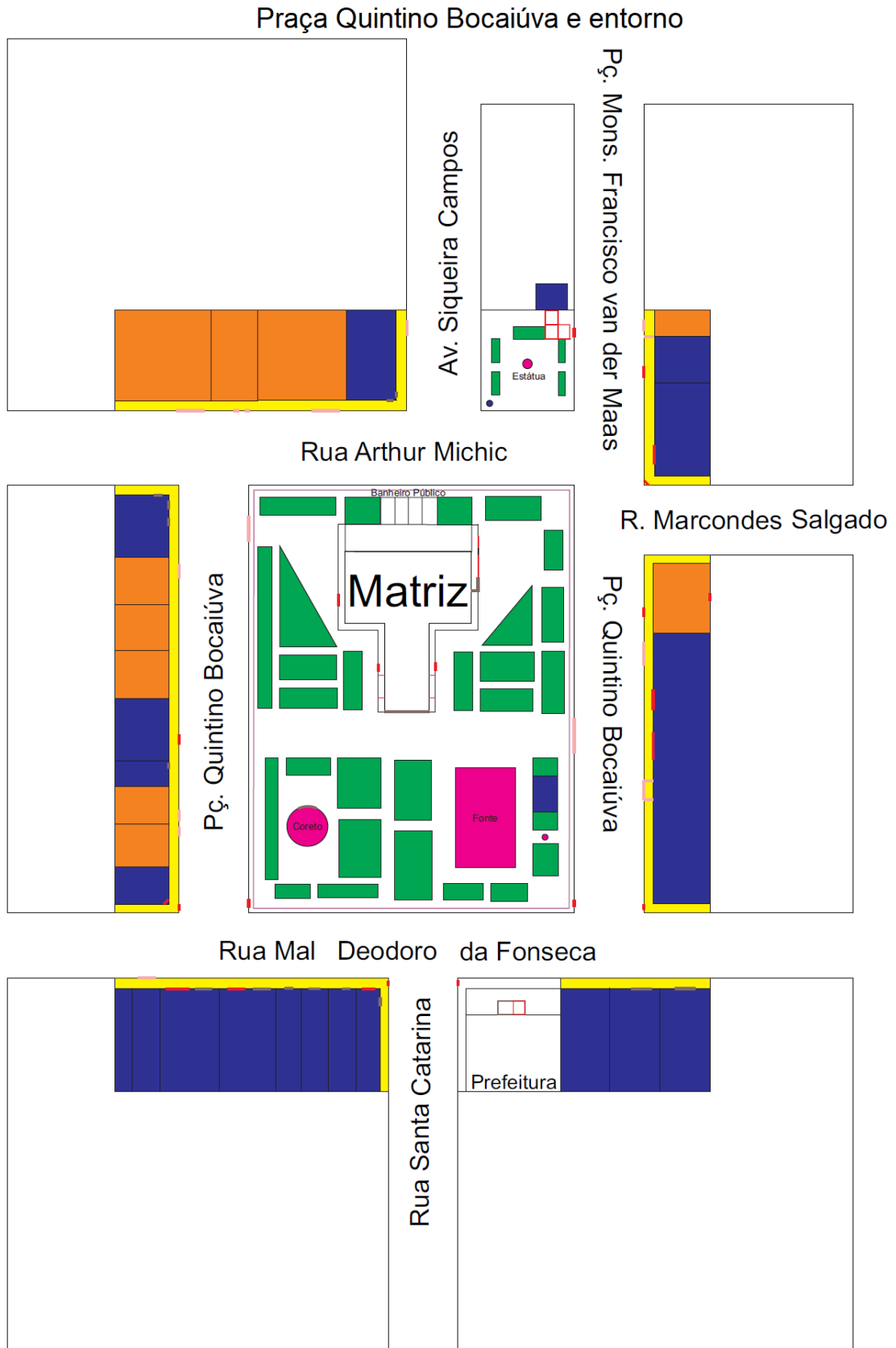
A proposta deste trabalho é produzir um mapa tátil da Praça Quintino Bocaiúva em Bernardino de Campos e da área ao seu redor. Para isso será preparada uma base visual para identificar os elementos que serão representados (sendo 9 ao todo), utilizando-se o programa CorelDraw versão 2018; além disso, será feito um protótipo de mapa artesanal utilizando a técnica da colagem. A avaliação do mapa será feita por duas das pessoas entrevistadas (ambas são pessoas com cegueira): uma vai à praça de forma frequente e a outra tem uma lembrança dela.

Para a base do mapa foi utilizada a planta digitalizada do município, que fora adquirida na prefeitura, e com isso iniciou-se o trabalho de aplicar as formas e os objetos localizados na área de estudo. A preocupação maior era dispor os objetos o mais próximo da realidade: dispondo as residências (em laranja no mapa da Figura 7) e os estabelecimentos comerciais (em azul) conforme sua localização real, bem como a prefeitura, a igreja, os canteiros das praças e as rampas e escadas.

As rampas foram separadas em rampas de acesso (em vermelho) e rampas de garagem (em rosa); as escadas maiores se localizam na

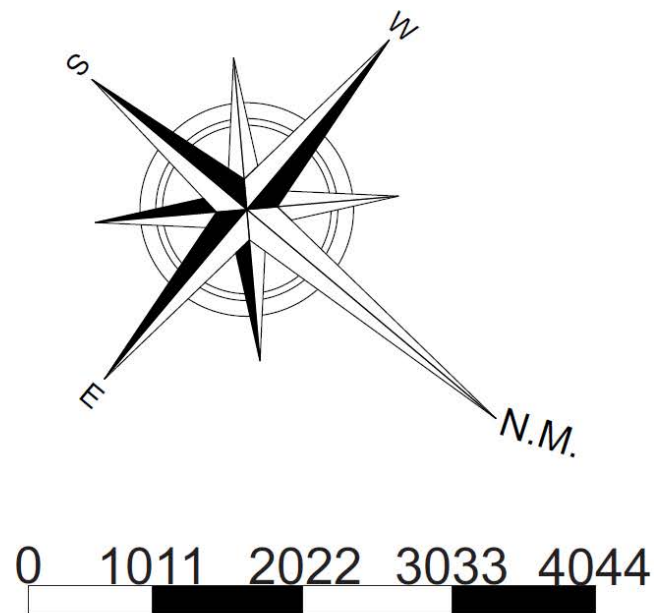
prefeitura, na igreja e no bazar (cujas entradas são apontadas na Figura 7), as outras têm até dois degraus, ou são degraus isolados (estes elementos em marrom); também foi colocada a sinalização tátil no piso (em roxo), em todo o perímetro do quadrado central. As calçadas estão em amarelo (exceto nas praças) e os canteiros em verde; outros objetos estão em rosa escuro. Conforme o mapa e a legenda (Figuras 7 e 8).

Figura 7: Mapa da Praça Quintino Bocaiúva e seu entorno.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Planta do Perímetro Urbano do Município.

Figura 8: Legenda e Escala do Mapa Original.

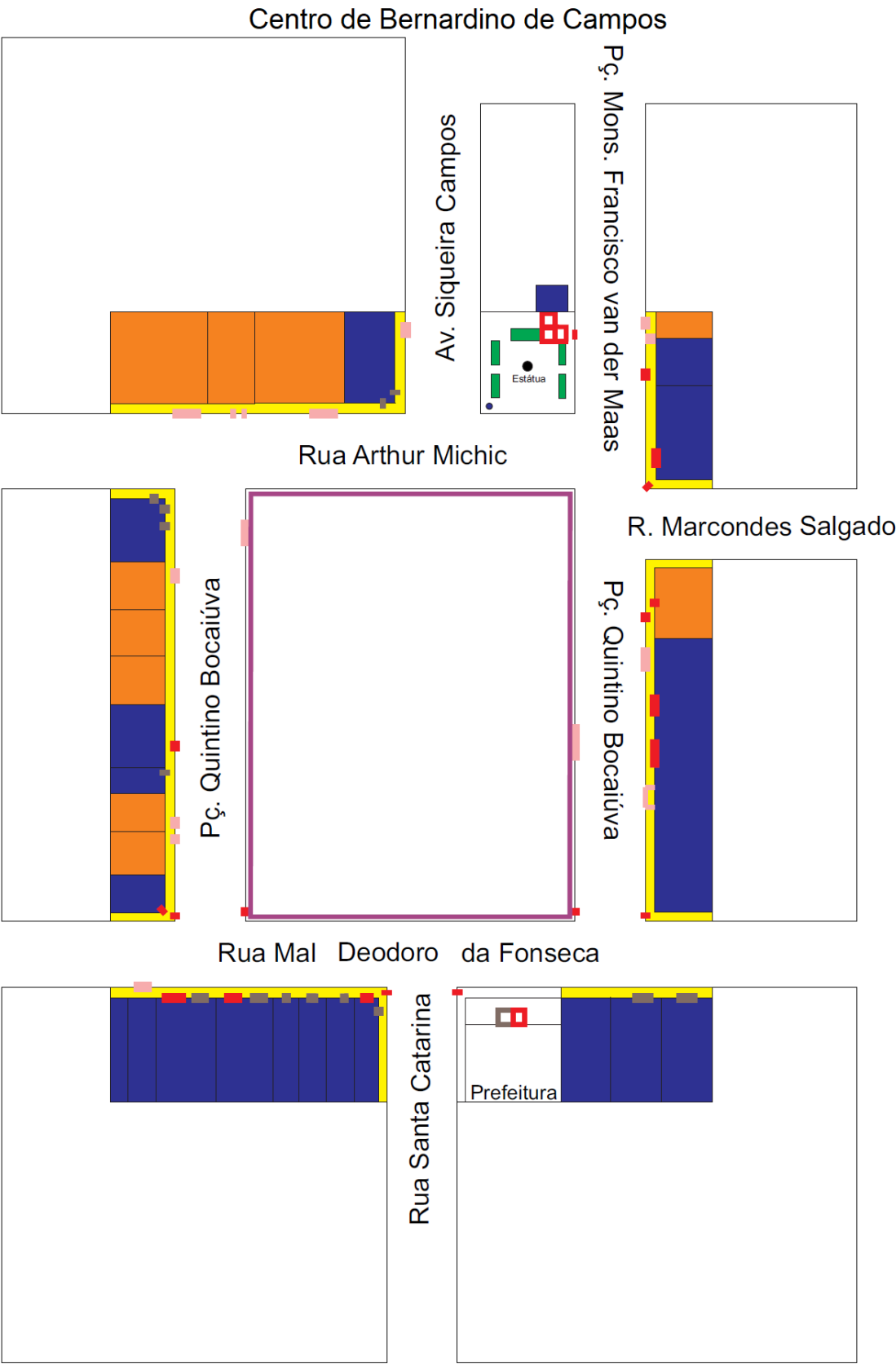


Legenda:

- Rampa de Acesso;
- Rampa Garagem;
- Escada e Degrau Isolado;
- Sinalização Tátil no Piso
- Canteiros
- Calçadas
- Residências
- Comércio
- Outros Objetos e Construções

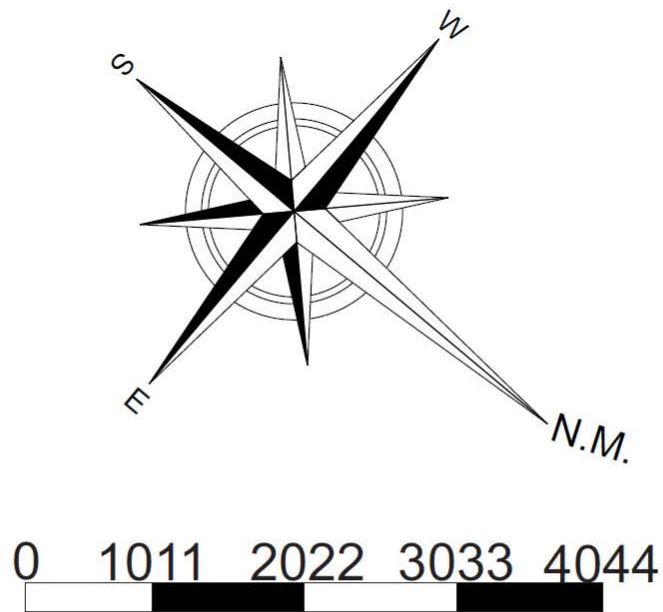
Entretanto, para que as pessoas com deficiência visual não se confundissem com a grande quantidade de informação, decidiu-se por dividir o mapa em dois, como uma coletânea de mapas, um para a praça e um para o seu entorno. Foi preciso também aumentar o tamanho dos objetos representados por linhas, e afasta-los ainda mais uns dos outros; além de aplicar a cor preta nos objetos em rosa escuro (Figuras 9 e 11); conforme suas respectivas legendas (Figuras 10 e 12). Para o mapa tátil, as plantas tiveram que ser aumentadas do formato A4 para o formato A3, para uma melhor visualização. O mapa tátil teve como base para sua elaboração os estudos de Carmo (2009) e Sena (2011) sobre o tema.

Figura 9: Mapa 1 – com foco no entorno da Praça.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Planta do Perímetro Urbano do Município.

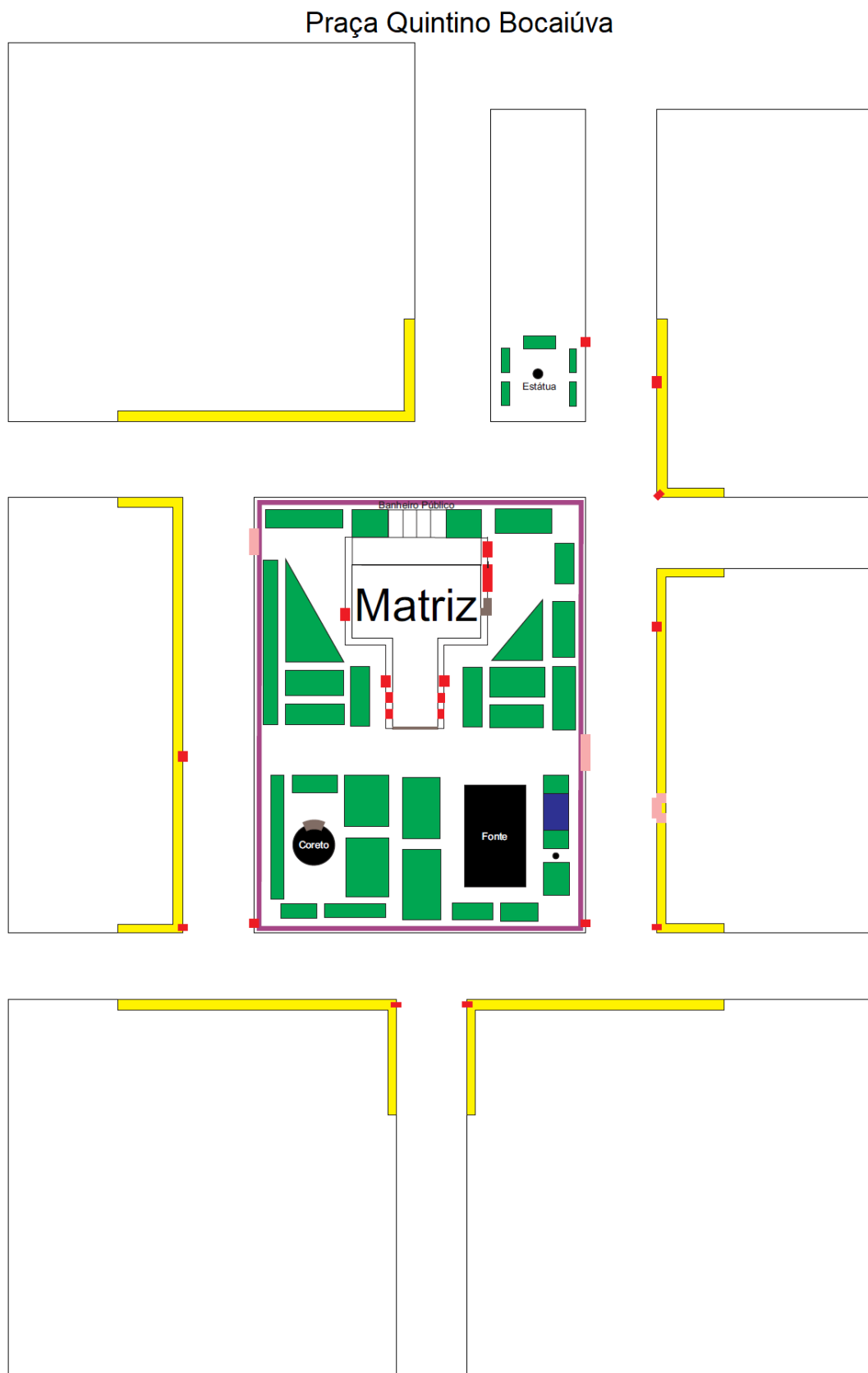
Figura 10: Legenda e escala do Mapa 1.



Legenda:

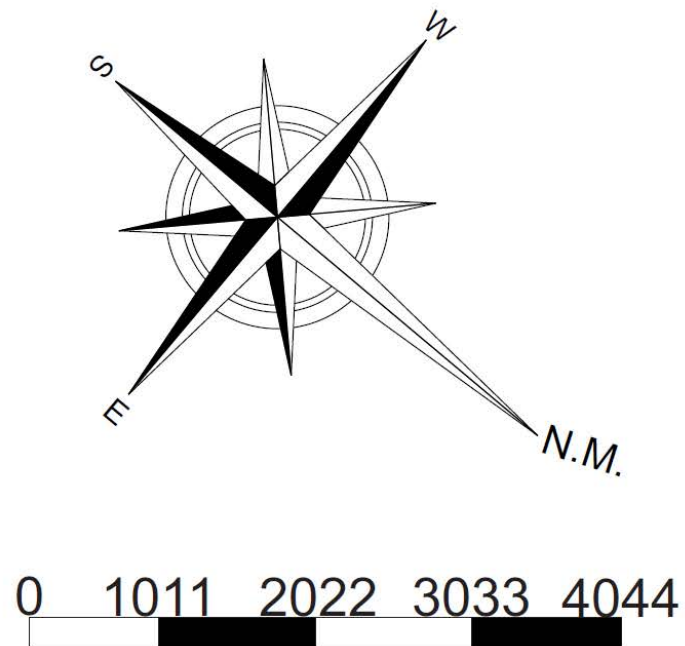
- Rampa de Acesso;
- Rampa Garagem;
- Escada e Degrau Isolado;
- Sinalização Tátil no Piso
- Canteiros
- Calçadas
- Residências
- ● Comércio
- ● Outros Objetos e Construções

Figura 11: Mapa 2 – com foco na Praça.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Planta do Perímetro Urbano do Município.

Figura 12: Legenda e escala do Mapa 2.



Legenda:

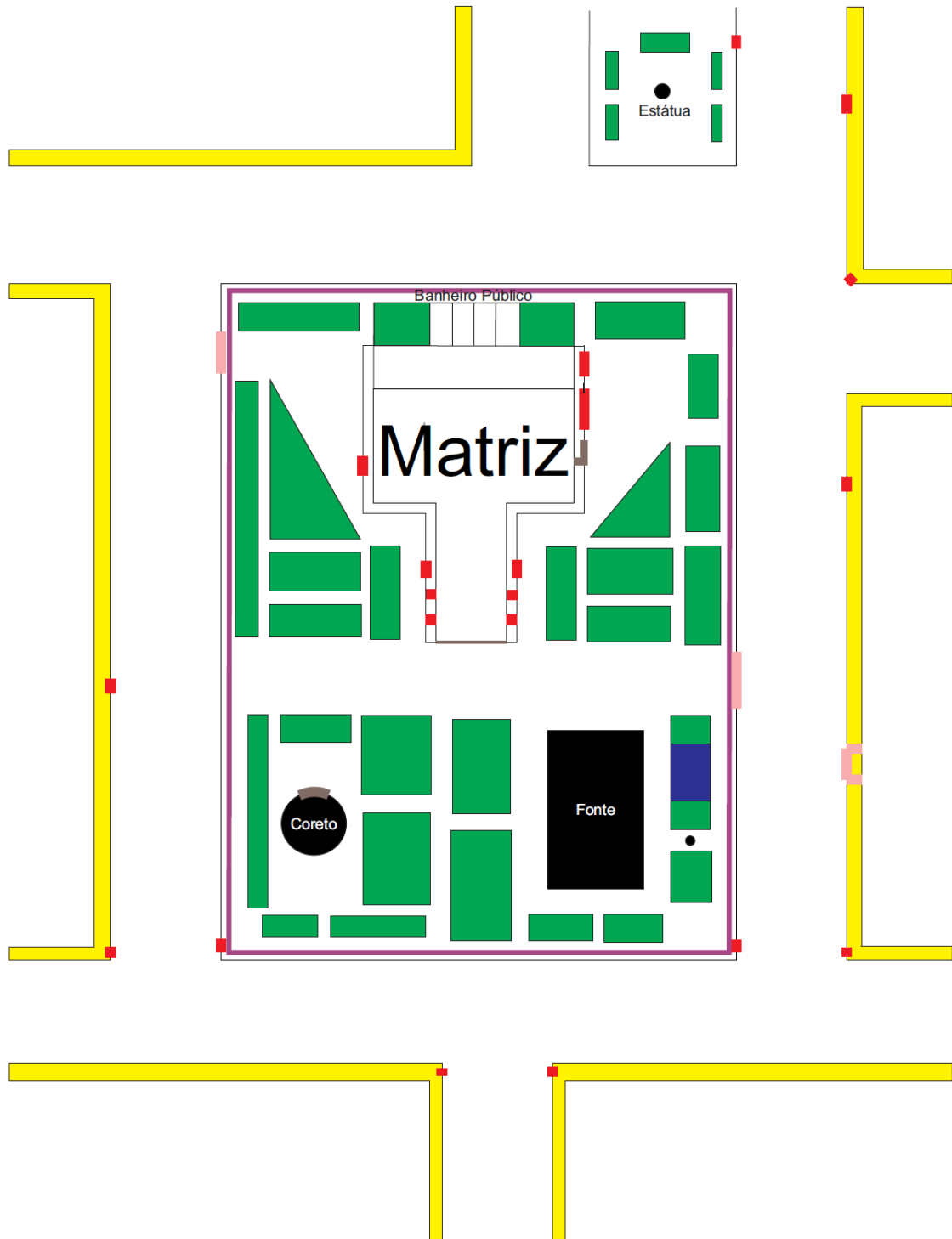
-  Rampa de Acesso;
-  Rampa Garagem;
-  Escada e Degrau Isolado;
-  Sinalização Tátil no Piso
-  Canteiros
-  Calçadas
-  Comércio
-  Outros Objetos e Construções

Segundo Carmo (2009, p. 48-49), “o sistema de percepção dos cegos, diante de um mapa tátil é baseado principalmente no tato”, onde “todas as formas de expressão devem ser transmitidas em relevo e com um tamanho que possam ser percebidas com os dedos”. Com isso, a cartografia tátil se difere da visual, pois, além da simplificação dos dados, para aplicar certas informações “é comum recorrer a distorções, exageros, generalizações, omissões que facilitem percepção tátil e assim permitir a chegada da mensagem sem ruídos ou detalhes que alterem a leitura”.

Sendo assim, foi preciso ampliar o Mapa 2 para que pessoas com deficiência visual conseguissem entender melhor a informação representada; além de recalcular a escala (Figuras 13 e 14). Foi então escolhida, a técnica de colagem para construir os mapas táteis. Ela é uma técnica importante para o estudo por ser mais barata e poder utilizar diversas texturas diferentes, além de serem elaborados com mais facilidade por representarem os elementos de forma mais suave (SENA, 2008). Com isso, também foi preciso fazer generalizações para que os mesmos pudessem entender melhor, principalmente na entrada da Prefeitura e na frente da Farmácia Municipal (localizada na Praça Mons. Francisco van der Maas).

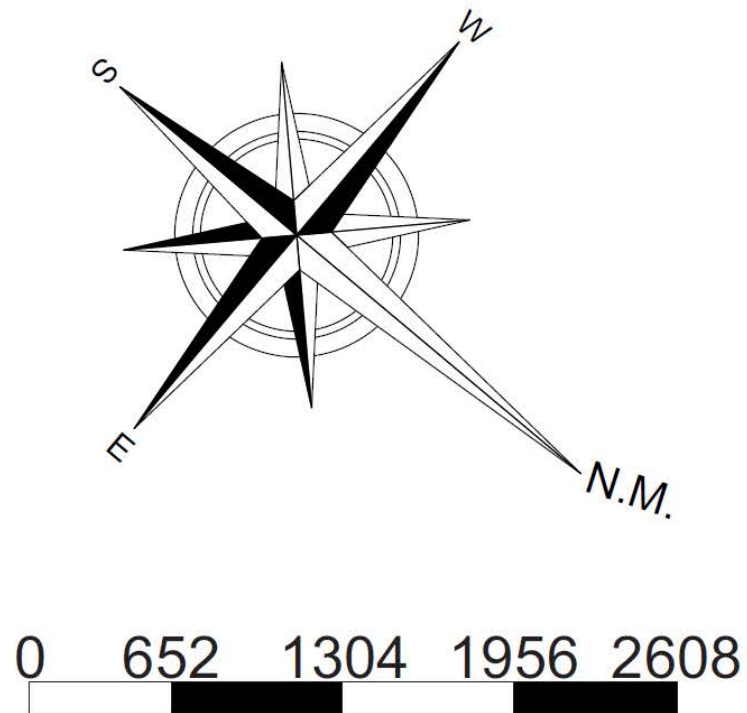
Figura 13: Mapa 2 ampliado.

Praça Quintino Bocaiúva



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da Planta do Perímetro Urbano do Município.

Figura 14: Legenda e escala do mapa ampliado.



Legenda:

- Rampa de Acesso;
- Rampa Garagem;
- Escada e Degrau Isolado;
- Sinalização Tátil no Piso
- Canteiros
- Calçadas
- ● Comércio
- ● Outros Objetos e Construções

Ao todo foram utilizadas 10 texturas diferentes sendo 9 no Mapa 1 e 9 no Mapa 2, já que algumas texturas se repetiram; apesar da recomendação da orientadora para o uso de apenas 7 delas em cada mapa, o entrevistado não se confundiu e conseguiu identificar todas.

No Mapa 1 foi utilizado, como suporte, o papel Paraná com EVA lilás por cima representando as ruas, para os quarteirões utilizou-se também o papel Paraná com recortes nas bordas representando as rampas de acesso e de garagem. Para o comércio foi aplicado um EVA marrom texturizado (parecendo um tijolo à mostra), e para as residências um feltro amarelo; ambos com a mesma representação das rampas de acesso, utilizada no papel Paraná. Para os canteiros e a praça da matriz foi aplicado EVA verde texturizado (parecendo com grama), e para os outros objetos um feltro roxo. As escadas foram representadas com “canutilhos”; para a Prefeitura foi utilizado papel cartonado com um recorte em uma das bordas representando a rampa de acesso; ao final aplicou-se o souteche para a Sinalização Tátil no Piso.

O Mapa 2 foi realizado da mesma forma que o Mapa 1, com exceção das residências e de quase todo o comércio (apenas a banca de jornais no interior da praça foi mantida); para a Igreja foi colocado um EVA rosa mais grosso representando a “passarela” em seu entorno e, por cima, o papel camurça se referindo à construção em si. Todos os escritos estão em braille (títulos, nomes das ruas e elementos da legenda), na legenda também foi utilizado o alfabeto latino num tamanho maior para que pessoas com baixa visão também consigam ler. Optou-se também em aumentar o tamanho dele para facilitar a leitura pelos entrevistados com deficiência visual.

O passo-a-passo da construção do Mapa 2 está ilustrado nas imagens abaixo (Figuras 15 a 20):

Figura 15: EVA lilás sobre papel Paraná.

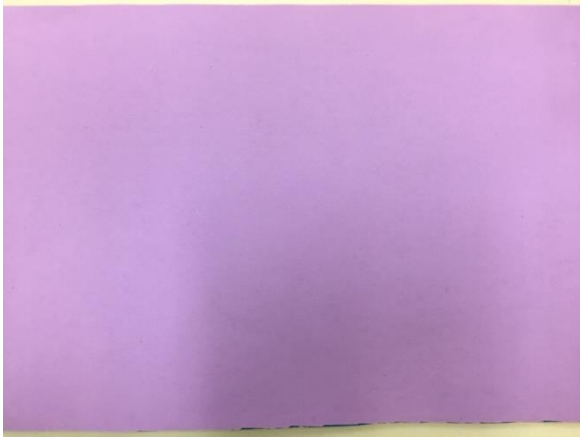


Foto do autor.

Figura 17: Canteiros, banca e outros objetos.

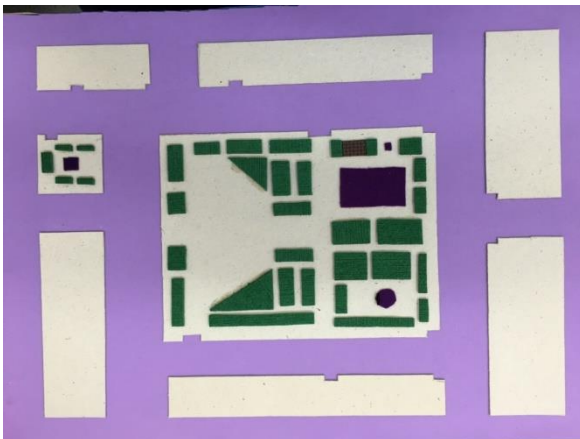


Foto do autor.

Figura 19: Igreja Matriz.



Foto do autor.

Figura 16: Papel Paraná representando os quarteirões.

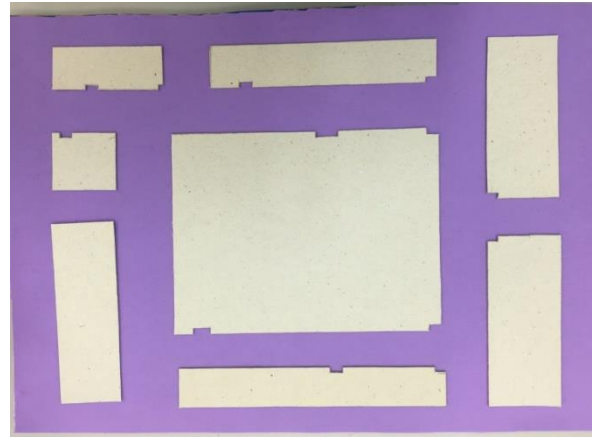


Foto do autor.

Figura 18: "Passarela" da Igreja Matriz.

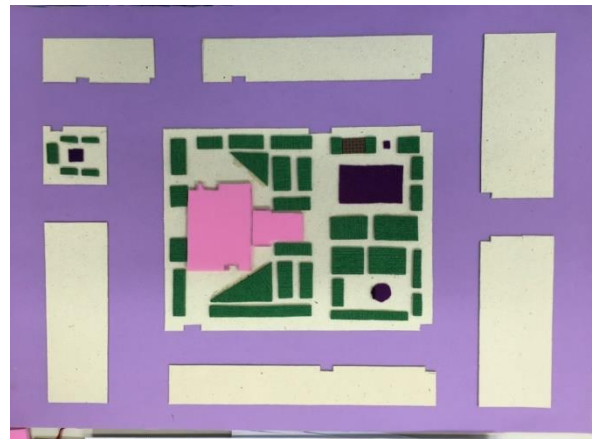


Foto do autor.

Figura 20: Escadas da Igreja Matriz.

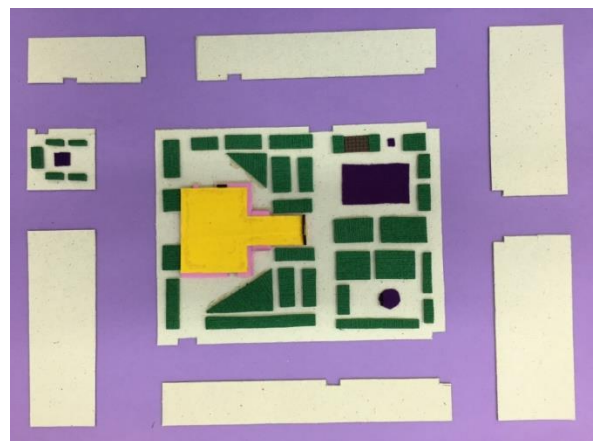


Foto do autor.

O Mapa 1 foi construído de forma parecida, o EVA lilás foi colado sobre o papel Paraná para fazer a base; sobre esta se colocou os quarteirões com seus elementos, já devidamente montados. Por fim, foi aplicado o soutache em ambos os mapas.

Com os dois mapas prontos, foram tomadas diversas fotos da altura dos elementos comparados com o tamanho de um dedo indicador (Figuras 21 a 51). A seguir:

Figura 21: Quarteirão da Prefeitura.

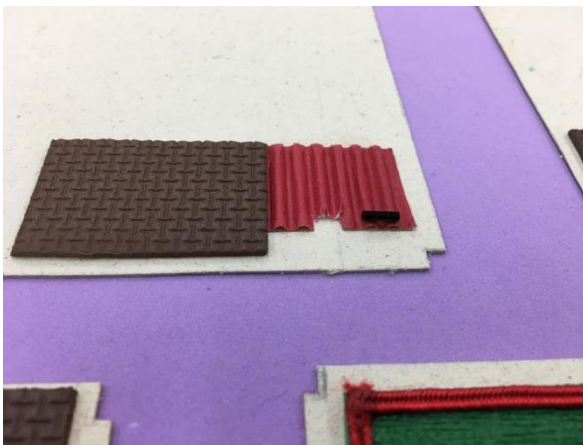


Foto do autor.

Figura 22: Indicador na escada da Prefeitura.

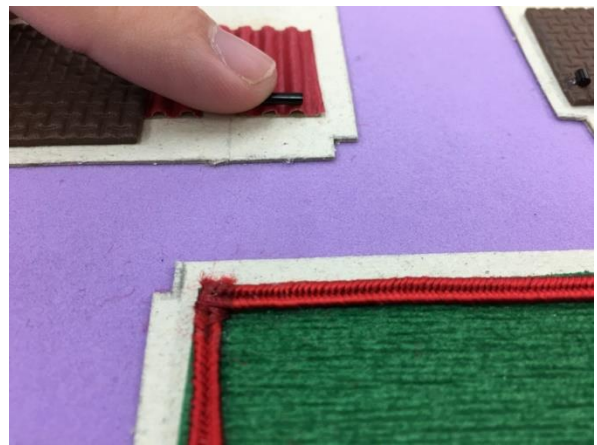


Foto do autor.

Figura 23: Indicador na rampa da Prefeitura.

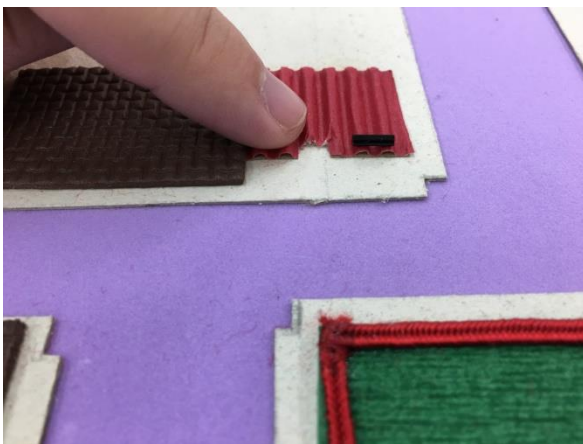


Foto do autor.

Figura 24: Indicador no comércio ao lado da Prefeitura.

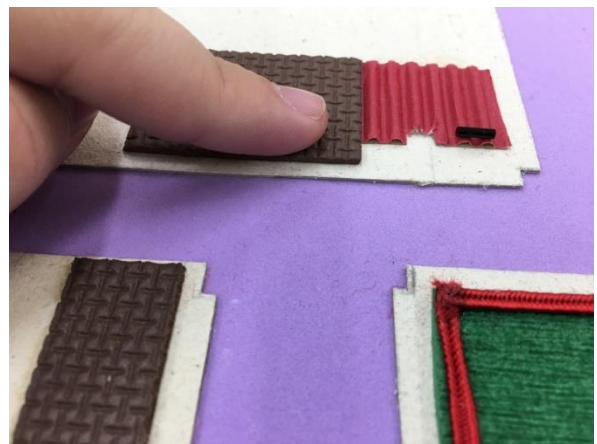


Foto do autor.

Figura 25: Quarteirão do Centro Pastoral da Igreja.

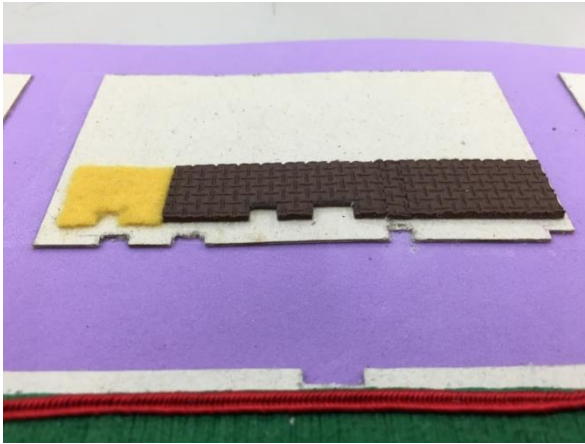


Foto do autor.

Figura 27: Indicador na residência ao lado do Centro Pastoral.

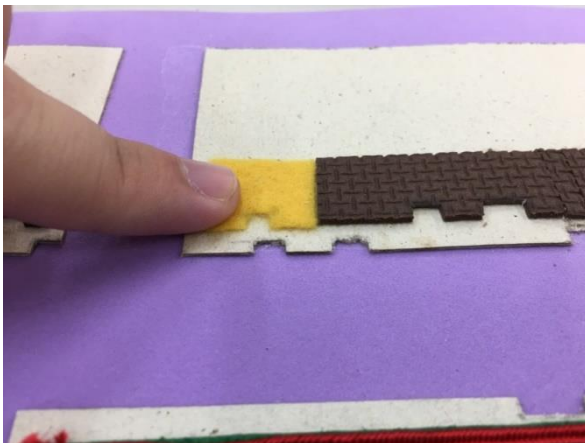


Foto do autor.

Figura 29: Indicador na rampa em frente à residência ao lado da Quitanda.

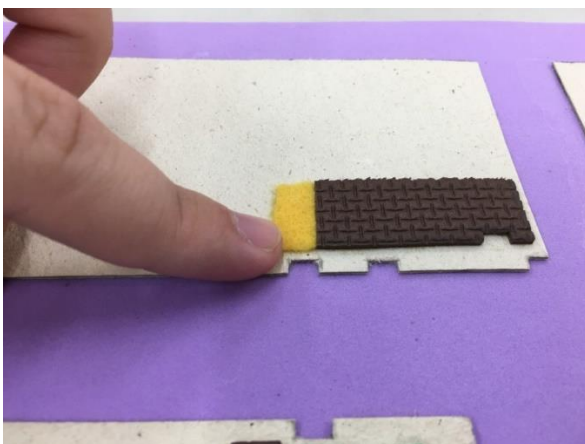


Foto do autor.

Figura 26: Indicador no Centro Pastoral.

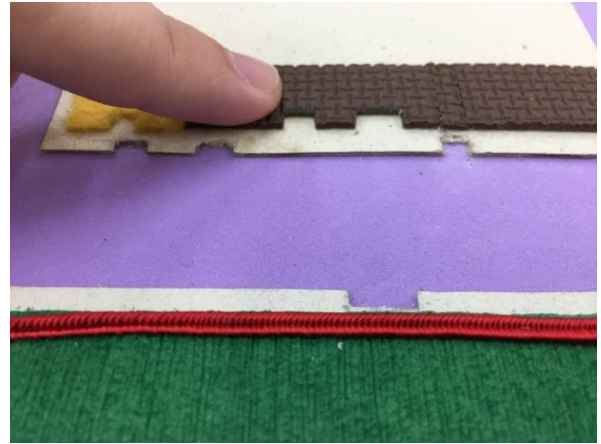


Foto do autor.

Figura 28: Quarteirão da Quitanda.

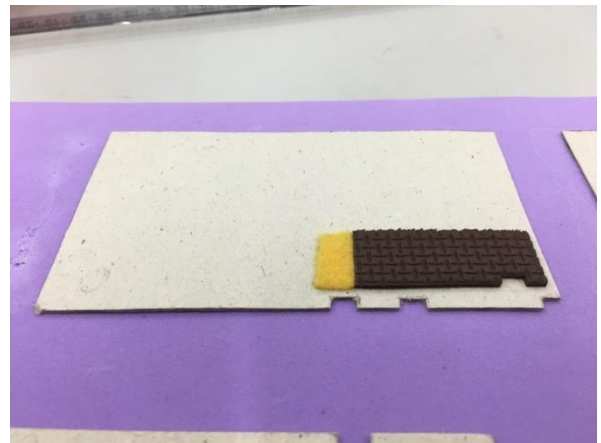


Foto do autor.

Figura 30: Praça Mons. Francisco van der Maas.

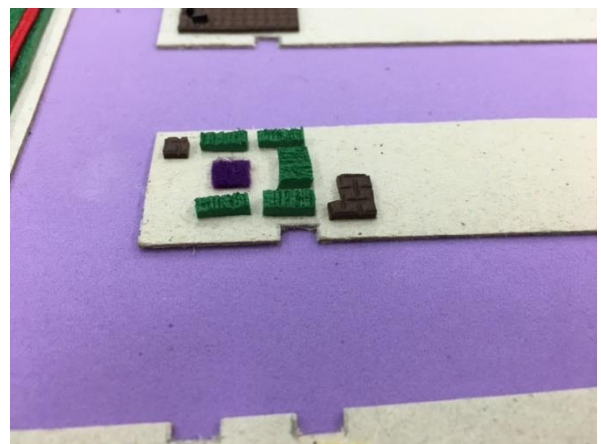


Foto do autor.

Figura 31: Indicador no canteiro da Praça Mons. Francisco van der Maas.

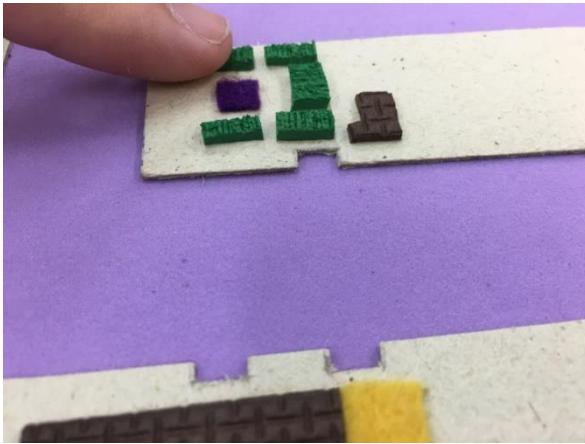


Foto do autor.

Figura 33: Quarteirão do Bar da Gente.

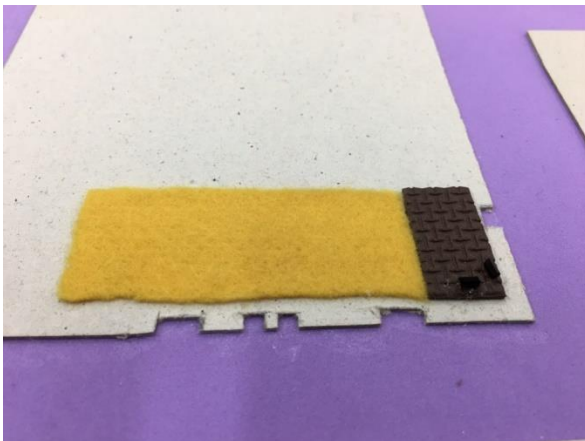


Foto do autor.

Figura 35: Quarteirão do Banco do Brasil.



Foto do autor.

Figura 32: Indicador na estátua da Praça Mons. Francisco van der Maas.

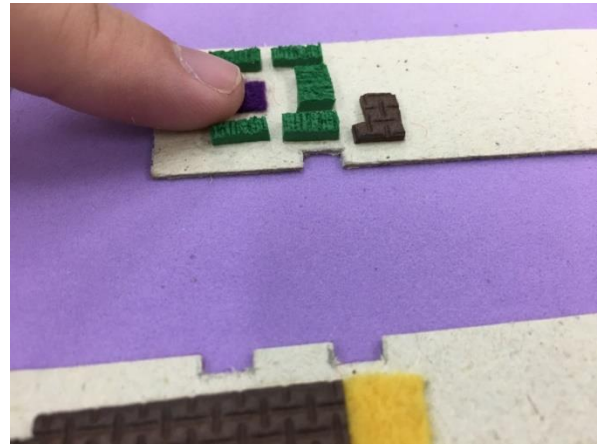


Foto do autor.

Figura 34: Indicador na rampa em frente à residência ao lado do Bar.

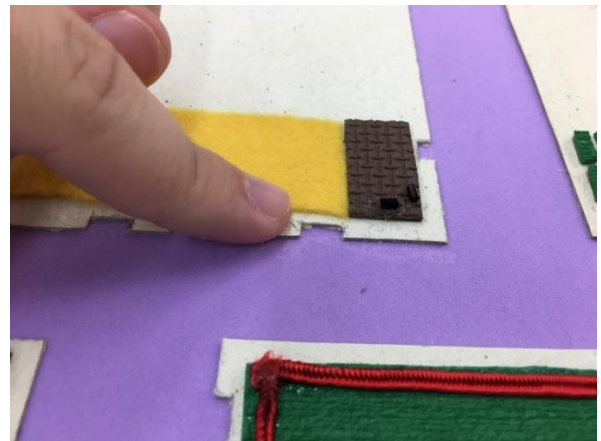


Foto do autor.

Figura 36: Indicador na rampa de acesso da loja da esquina.

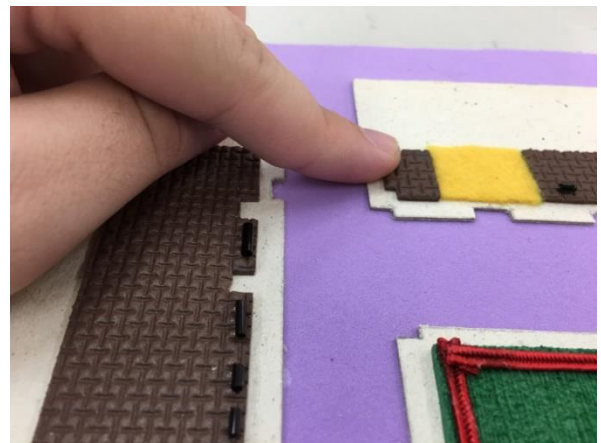


Foto do autor.

Figura 37: Quarteirão comercial ao lado da Prefeitura.

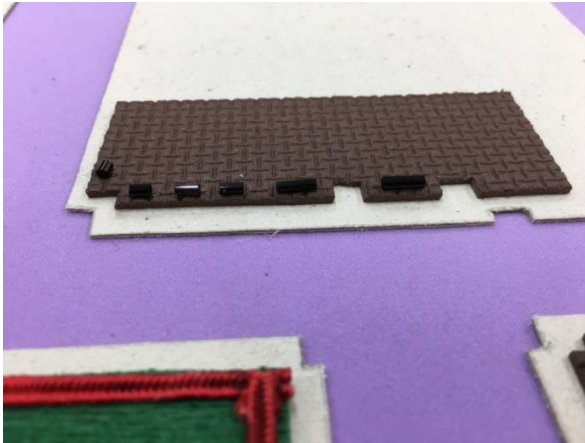


Foto do autor.

Figura 39: Indicador na escada de um dos estabelecimentos comerciais.

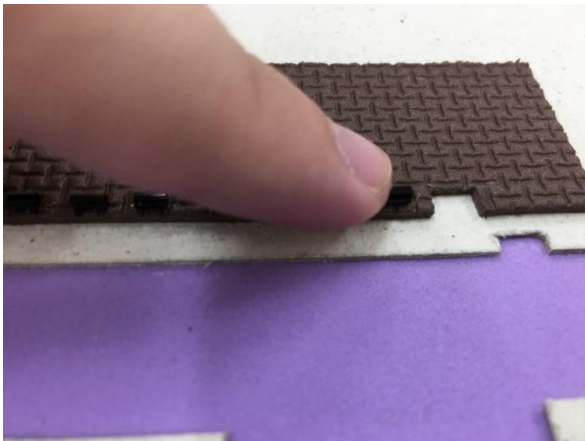


Foto do autor.

Figura 41: Indicador em um dos cantos da Praça.

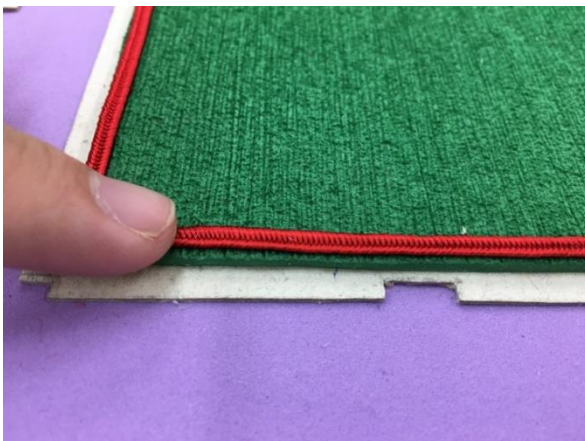


Foto do autor.

Figura 38: Indicador na rampa de acesso de um dos estabelecimentos comerciais.

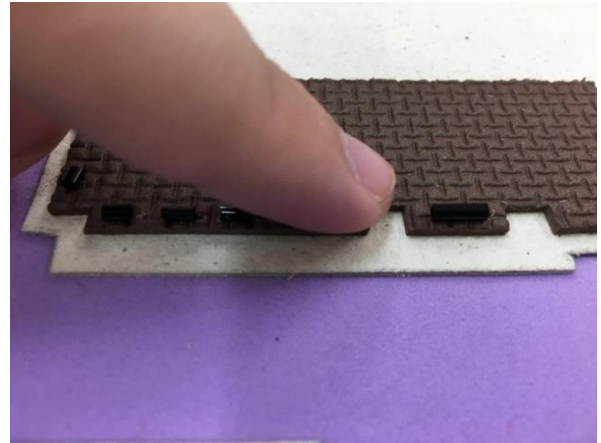


Foto do autor.

Figura 40: Praça Quintino Bocaiúva.

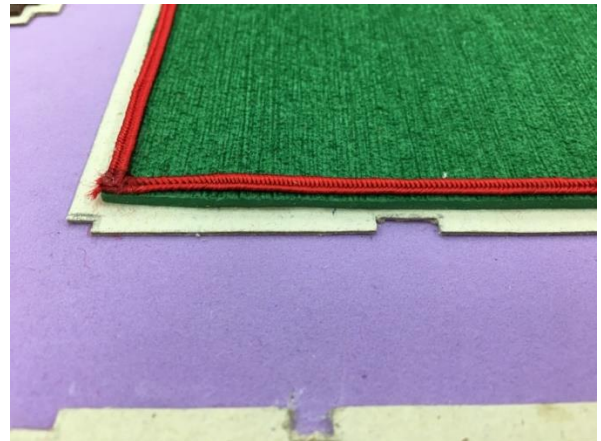


Foto do autor.

Figura 42: Seção da Praça Quintino Bocaiúva no Mapa 2.

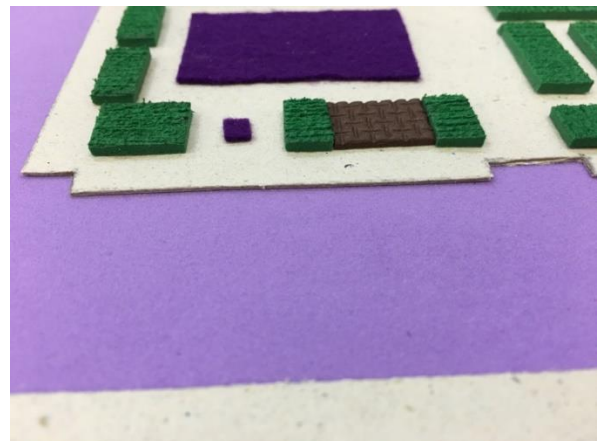


Foto do autor.

Figura 43: Indicador em um dos canteiros da Praça.

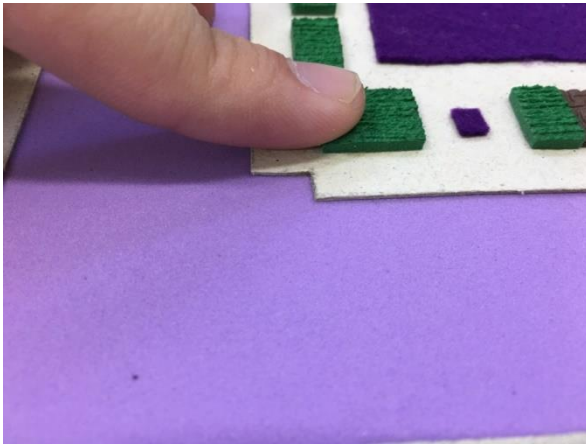


Foto do autor.

Figura 45: Indicador em uma das rampas de acesso da Praça.

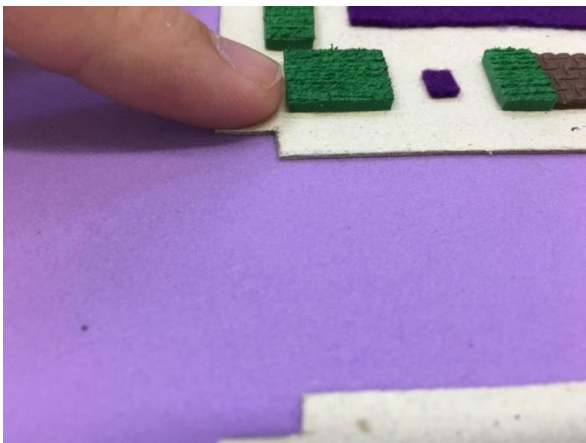


Foto do autor.

Figura 47: Indicador na fonte da Praça.

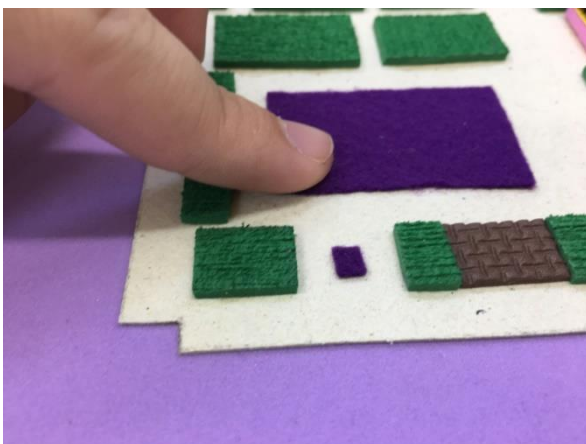


Foto do autor.

Figura 44: Indicador no orelhão ao lado da banca na Praça.

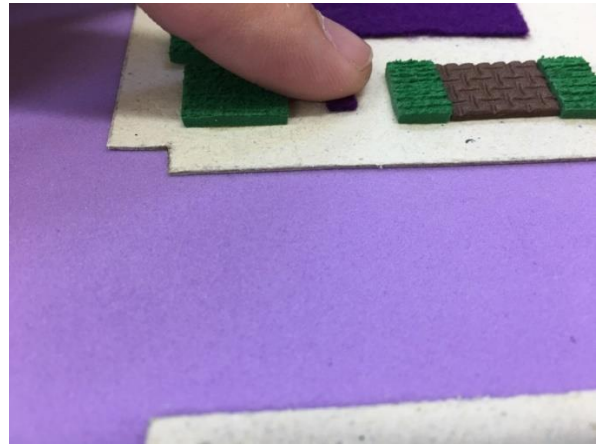


Foto do autor.

Figura 46: Indicador na banca de jornais da Praça.

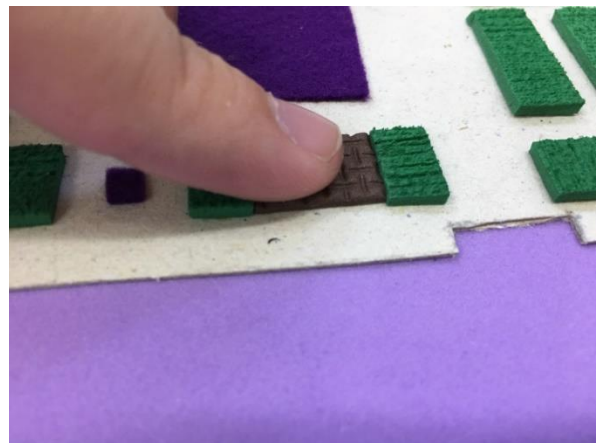


Foto do autor.

Figura 48: Indicador na escada do coreto.

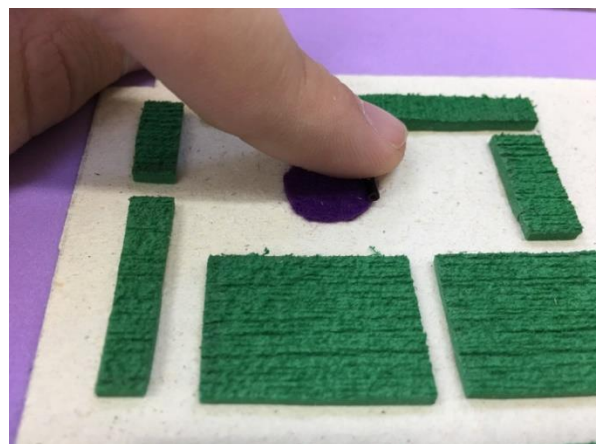


Foto do autor.

Figura 49: Igreja Matriz na Praça.

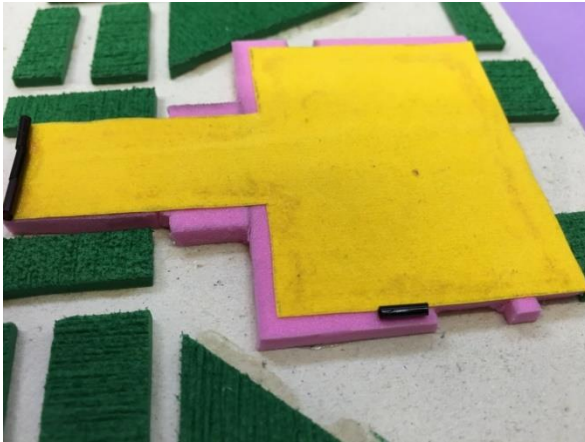


Foto do autor.

Figura 50: Indicador em um dos cantos da Igreja.

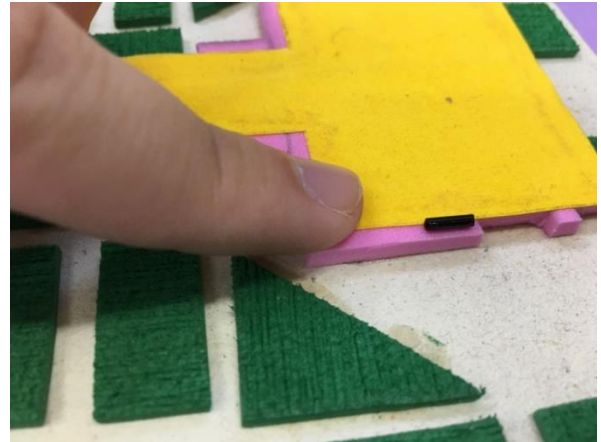


Foto do autor.

Figura 51: Indicador em uma das escadas da Igreja.

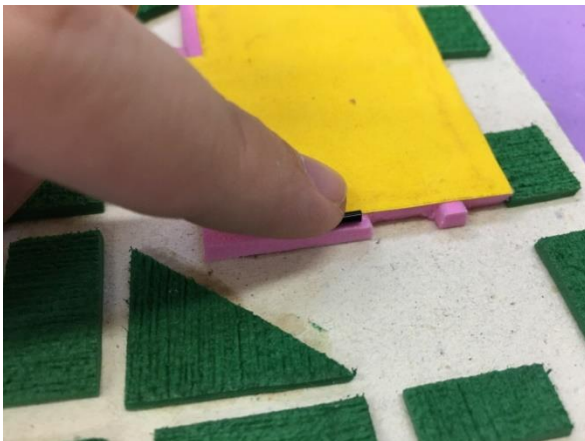


Foto do autor.

Na avaliação (detalhada no capítulo 7), percebeu-se algumas considerações importantes, em relação à construção dos mapas é preciso se preocupar em colar muito bem os elementos (sendo importante o uso da cola para isopor, já que cola branca pode estragar os materiais e a de bastão não os sustenta por muito tempo), pois podem se descolar durante a leitura das pessoas com deficiência. Também é necessário escolher melhor as texturas, porque algumas podem confundir os avaliadores e outras podem ser muito frágeis (como o “canutilho” representando as escadas e degraus isolados, que se descolaram durante a avaliação).

Por fim, foram colocados os títulos e escritos em braille (dispostos conforme as Figuras 52 e 53), o norte no canto superior direito e a escala (com números

em braile e latino) no canto inferior direito (para o norte e a escala foram utilizados palitos de churrasco); fez-se também um corte (no canto superior esquerdo) para indicar o local que as pessoas deveriam começar a ler. Ao final, foi criada uma legenda única pra ambos os mapas, onde foram colocados todos os elementos e também os nomes dos elementos em braile e latino (Figura 54).

Figura 52: Mapa tátil do Centro de Bernardino de Campos.



Foto do autor.

Figura 53: Mapa tátil da Praça Quintino Bocaiúva.



Foto do autor.

Figura 54: Legenda dos Mapas.

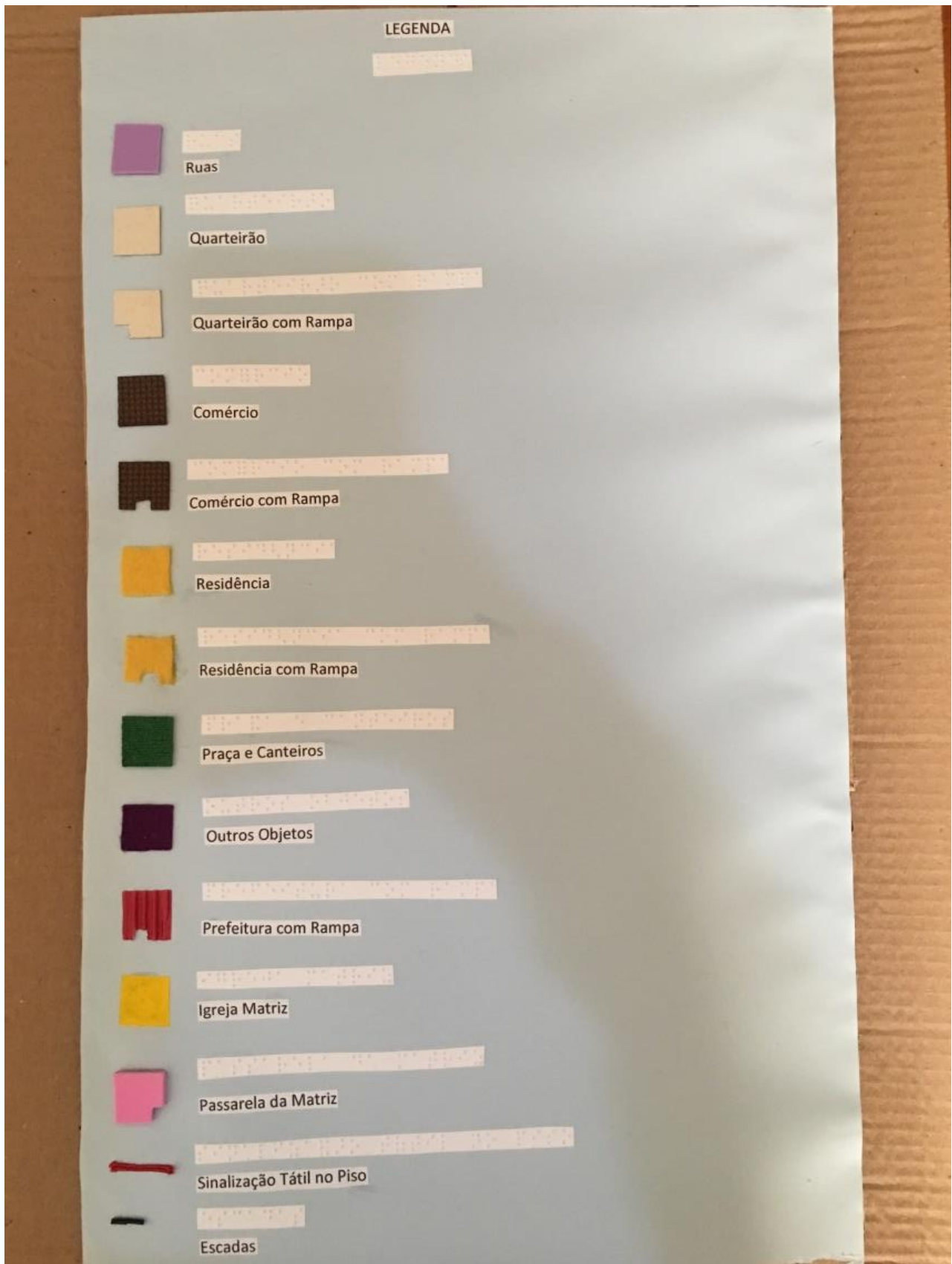


Foto do autor.

7. Avaliação dos Mapas

Os mapas foram levados e apresentados a dois dos entrevistados para avaliação, ambos são pessoas com deficiência visual total adquirida. O primeiro avaliador foi o senhor Nelson³ de 55 anos, cuja visão, perdeu no ano de 2013 devido a um acidente com arma de fogo. O segundo avaliador foi o jovem Henrique⁴ de 25 anos, que perdeu a visão no ano de 2012, vítima de glaucoma. Apesar disso, os dois conseguem se locomover com a ajuda de bengala e de outras pessoas. Eles então, fizeram uma avaliação dos mapas, onde constataram se havia alguma dificuldade para entenderem as representações.

Sobre os avaliadores dos mapas da praça é muito importante destacar que ambos não sabem ler braile e não tiveram contato com alfabetização nesta escrita, pois segundo eles só tem em Ourinhos/SP; por isso, não foi possível utilizar a legenda, fazendo com que o autor ajudasse algumas vezes. Também pensou-se em falar com outras pessoas com deficiência visual da cidade, mas desistiu-se da ideia, pois é provável estes também não saibam ler braile.

7.1 Avaliação 1

Na leitura do Mapa 1 (do entorno da praça) pelo senhor Nelson o autor guiou sua mão para o corte no canto superior esquerdo e pediu que iniciasse a leitura a partir deste ponto. Primeiro ele reconheceu o grande retângulo de EVA verde texturizado como sendo a praça, depois localizou a rua do taxi a noroeste da praça (importante destacar que ambos os avaliadores não usaram as expressões de orientação, elas foram usadas aqui para facilitar a localização no mapa), a prefeitura (a nordeste) e o quarteirão da Caixa (hoje Banco do Brasil), a leste do ponto de referência.

Fez-se algumas questões sobre a localização dos elementos: perguntou-se se o senhor se lembrava do bar da esquina ao sul da praça (Bar da Gente),

³ Esse é seu nome verdadeiro, pois o senhor Nelson autorizou o uso das suas informações para o trabalho.

⁴ Esse é seu nome verdadeiro, pois o jovem autorizou o uso das suas informações para o trabalho.

ao que respondeu localizando o quarteirão atrás da igreja. Ele também apontou para o local acima do anterior dizendo que era a outra praça que também se encontra atrás da igreja (ao sul da praça). Foi questionado também sobre os cortes nos elementos do mapa, e ele, apesar de saber o que eram não se lembrou do nome, e por isso chamou de lombada, mas o autor lembrou que eram rampas.

Também foi perguntado se ele se lembrava da sinalização tátil no piso, ao que respondeu que ficava atrás da igreja; quando o autor pediu que a localizasse (um pedaço de fio (fita)), o avaliador demorou um pouco para encontra-la, apontando nesse meio as casa ao lado do Bar da Gente, os canteiros da Praça Mons. Francisco van der Maas, o quarteirão de comércios a nordeste, prefeitura e a pastelaria ao lado desta (em alguns destes o autor ajudou dizendo o que poderiam ser). Depois de algum tempo, ele localizou a estátua na praça ao sul da área principal, e pode encontrar a representação da sinalização.

Foi solicitado que o entrevistado localizasse a escala, e ele entendeu que estava se referindo a algumas marcas na praça (provavelmente a sinalização tátil no piso). Foi explicado, de uma forma que ele entendesse, que a escala é um elemento posto no mapa, que representa quantos metros ou centímetros aquele local tem na realidade. Como o senhor estava procurando apenas na parte central do mapa, o autor guiou a sua mão para a escala; ao tocar o “sinal” da escala, foi explicado que dependendo da quantidade de dedos que coubessem sobre ela, representaria a distância na realidade. No caso do Mapa 1, cada três dedos dele equivalem a 28m na realidade.

Ao falar sobre o norte, foi explicado que seria a direção da praça e de seus elementos. Assim, questionou o avaliador em que direção estava o novo bar (Bar XV), localizado a nordeste da praça no quarteirão onde se encontram apenas locais de comércio, e, depois de procurar pelo norte mais uma vez, ele disse que o bar ficava a oeste da praça, mas depois se corrigiu dizendo que ficava a leste.

No Mapa 2 (com foco na Praça Quintino Bocaiúva), houve a preocupação de interferir o menos possível na leitura. Ao iniciar o mesmo guiou a mão do senhor ao corte no canto superior esquerdo onde ele deveria começar a ler.

Primeiro ele localizou o norte e os canteiros da praça. Perguntou-se então se havia percebido texturas iguais para certos elementos, ele respondeu que sim, e o autor disse as texturas iguais mais ásperas eram os canteiros; foi preciso lembra-lo sempre desta informação.

O senhor encontrou a igreja pelo seu formato característico, e, usando ela como referência, o autor pediu que localizasse a fonte e o coreto. Enquanto procurava por esses elementos se deparou com a escala e foi esclarecido que cada três dedos dele (o tamanho da representação é o mesmo) equivaliam a 18m na realidade.

Houve o questionamento sobre o elemento redondo em que o avaliador pôs o seu dedo, e este disse que se tratava do coreto. Foi perguntado também se ele se lembrava de que a fonte esta localizada ao lado do coreto, ao que respondeu que sim, e o autor disse que a textura da fonte era a mesma da do coreto. A demora em encontrar o elemento solicitado atçou a curiosidade do entrevistado, que depois de algum tempo ele localizou a fonte, por conta de sua forma “comprida”. O entrevistado foi questionado sobre em que direção a fonte estava da igreja, ele respondeu que se chegar de frente para a matriz, a fonte estaria à direita, ao norte da construção.

Durante a avaliação, foi perguntado se os mapas estavam bem elaborados, pois se a pessoa com deficiência demonstra dificuldades de localizar algum elemento, e porque o mapa tátil talvez não facilite tanto; ou seja, está errado. O entrevistado então disse que estava bem separado e planejado. Ao final, o senhor foi questionado sobre a sinalização tátil no piso, ele perguntou se o mapa estava na mesma direção (ao que foi respondido que sim); com isso, localizou a fita aplicada na redução com mais facilidade do que no Mapa 1. E foi-lhe dito que na verdade essa sinalização está em toda a volta da praça.

7.2 Avaliação 2

Na leitura do Mapa 1, como Henrique não sabia ler braile foi necessária a ajuda do autor. O jovem disse que se lembrava nitidamente da praça; o autor guiou sua mão para o corte no canto superior esquerdo onde deveria começar a ler, e explicou que o mapa se tratava do entorno da praça e que o quadro

maior era a mesma (que foi representada no outro mapa), por se tratar de uma redução.

O entrevistado localizou as ruas, mas ficou em dúvida se estava de frente para a igreja ou em uma das ruas laterais; o autor disse que ele estava na lateral, e perguntou se ele se lembrava da praça localizada atrás da igreja (na área de estudo), pedindo que a localizasse. Ele começou então a estudar o mapa a partir do ponto central do EVA verde texturizado, onde ele imaginava se encontrar a escadaria da igreja.

Primeiro ele localizou o quarteirão do Centro Pastoral (localizado no centro), ladeado pelo depósito da casa de móveis e pela casa habitada pelo padre da paróquia. Depois se dirigiu para o quarteirão a leste da praça (o do Banco do Brasil), falou da loja de roupas na esquina norte, das residências ao lado desta, e a antiga quitanda (hoje é uma loja agrícola). A partir daí, ele localizou o Bar da Gente e as residências do lado (percebeu pelas texturas diferentes); a Praça Mons. Francisco van der Maas; e a quitanda atual localizada ao sudoeste da área de estudo. Depois de percorrer o mapa de novo, localizou o quarteirão da prefeitura com as lojas ao lado; a rua que vai para o Bairro Barra Funda (Rua Santa Catarina); e o quarteirão do Bar XV (que tem apenas comércio), onde disse que se localiza a outra loja de móveis e uma das farmácias. Ele percebeu que os elementos estavam cortados, mas não sabia o que eram; então o autor disse que se tratavam das rampas; e constatou que as saliências mais compridas (“canutilhos”) eram as escadas.

Perguntado se havia encontrado a escala, Henrique encontrou o norte, fazendo com que o autor guiasse sua mão até o local correto. Com isso, foi explicado que o mapa seria uma redução da realidade, e que a medida da escala corresponderia a uma medida na realidade; sendo que, o “sinal” que a representa foi criado proporcional ao mapa em papel. O avaliador foi questionado sobre quantos de seus dedos ocupavam o sinal da escala (ao que respondeu três), e o autor disse que cada três dedos seus equivalem a 28m na realidade.

O Mapa 2 foi explicado como tendo foco apenas na Praça Quintino Bocaiúva, o autor então guiou sua mão para o corte no canto superior esquerdo (onde deveria começar a ler), apontou que os quarteirões estavam

“lisos” (sem elementos), e que a praça era mais ao centro. Assim, ele localizou a praça e disse que os comércios estavam em volta, e foi perguntado se ele poderia localizar a igreja; porém ele encontrou primeiro o norte e depois a igreja (pelo seu formato).

O autor pediu que localizasse a fonte e o coreto utilizando como referência a igreja. Primeiro ele localizou a escadaria dela e os canteiros à sua frente; depois encontrou a fonte, os canteiros à sua volta e a banca de jornais; e por fim o coreto, dizendo que era redondo. O avaliador foi questionado sobre sinalização tátil no piso e se poderiam localizá-la: ele respondeu que ficava na lateral da praça, na calçada; ele perguntou se havia no entorno da praça inteira, e o autor disse que sim, isso facilitou com que encontrasse mais facilmente o local da sinalização. Por fim o autor perguntou se o jovem havia encontrado a escala e o mesmo respondeu que sim; então foi explicado que o tamanho (do sinal) era o mesmo do outro, mas que a distância era diferente, que, pelo mapa estar mais aproximado, cada três dedos seus equivalem a 18m na realidade.

Ao final, o autor perguntou se o avaliador havia entendido o mapa, pois a ideia do mapa tátil é ajudar na acessibilidade da pessoa com deficiência visual, que seria importante, nas palavras do próprio avaliador “é como se tivesse visto o lugar”. E o autor então disse que o mapa é importante para que a pessoa consiga entender e se localizar, pois se não entende o mapa, este não tem utilidade nenhuma; e o jovem disse que entendeu os mapas pelo formato das coisas, e achou fácil por já conhecer o lugar, porque já enxergou antes, o que poderia ser difícil para alguém que nasceu sem ver.

Após a avaliação, notou-se que seria interessante acrescentar um símbolo para representar as escadas do comércio ao lado da prefeitura. Esse elemento não afeta a localização dos objetos, porém, deixa o mapa 1 mais completo.

Figura 55: Quarteirão da Prefeitura com representação das escadas no comércio.

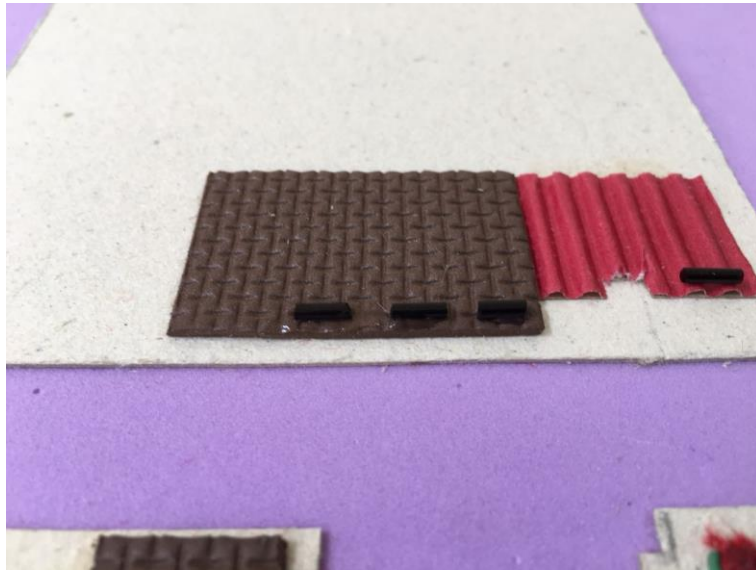


Foto do autor.

Figura 56: Mapa 1 corrigido.

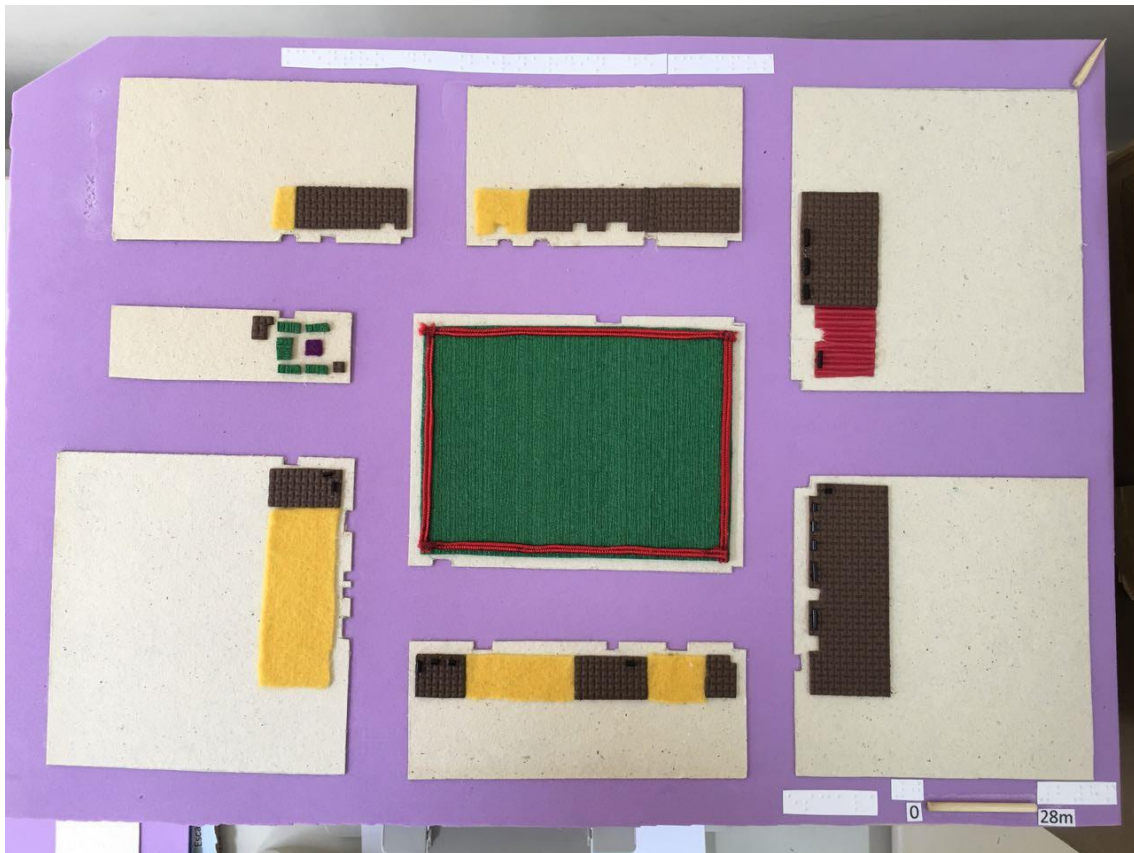


Foto do autor.

8. Considerações Finais

Espera-se que o presente trabalho seja importante para que melhorias na acessibilidade na Praça Quintino Bocaiúva sejam implantadas pelo governo municipal, pois após a avaliação dos mapas pelos entrevistados com deficiência visual, o autor constatou que não apenas eles podem utilizar os mapas táteis, como também outros com deficiência visual e pessoas sem a mesma deficiência. Conforme mais pessoas com deficiência usarem o material tátil, mais alterações precisarão ser feitas para melhorar a sua qualidade, com materiais mais resistentes ao toque e que também resistam à ação do vento, do sol e da chuva.

Ao terminar o trabalho, o autor sentiu uma mudança em sua vida, pois passou a se preocupar mais com a questão das pessoas com deficiência e dificuldades de locomoção; além de olhar com mais respeito para este setor da sociedade. Porque as pessoas sem deficiência acreditam que as que têm deficiência, não conseguem ou não podem fazer parte da sociedade civil, do governo ou de instituições religiosas; porém, não é porque uma pessoa tem dificuldades que ela deve ser excluída, pelo contrário, os outros setores da sociedade é que devem se preocupar em melhorar a qualidade de vida e dar condições de sobrevivência para essas pessoas.

Em relação à pesquisa nessa temática, nota-se que, apesar de ser muito importante, ainda há poucas pesquisas na área de mobilidade na geografia e cartografia, sendo o foco maior no ensino de pessoas com deficiência (onde se utiliza a cartografia tátil como forma de fazer os alunos com deficiência visual aprenderem a se localizar e orientar); entretanto, ela pode ser importante para adultos e pessoas sem deficiência conseguirem se deslocar pela cidade. Na legislação, houve um avanço significativo na inclusão e na acessibilidade; porém, é comum vermos a não execução dessas leis, pois ainda falta muita coisa a se fazer, em termos físicos, sociais e éticos.

Seguindo esse raciocínio, o trabalho pode servir de inspiração para o governo municipal de Bernardino de Campos, implantar as representações da praça e de seu entorno em locais estratégicos da área de estudo (além de fazer as devidas reformas nela), para que todos os habitantes do município possam frequentar a praça e o comércio (principalmente aqueles com

deficiência). Este texto também pode servir de inspiração para que outras pessoas venham a fazer trabalhos da mesma temática no município ou em outras cidades.

9. Referências

ALMEIDA, R. A. de. A Cartografia Tátil na USP: duas décadas de pesquisa e ensino. In: FREITAS, M. I. C. de; VENTORINI, S. E. **Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual**. Paco Editorial, Jundiaí, 2011.

ALMEIDA, R. A.; CARMO, W. R.; SENA, C. C. R. G. Técnicas inclusivas de ensino de geografia. In: VENTURI, L. A. B. **Geografia: práticas de campo, laboratório e sala de aula**. Editora Sarandi. São Paulo, 2011.

ALMEIDA, R. D. **As linguagens e a cartografia na educação básica**. In: Cartografia Escolar. Ano XXI. Boletim 13. Salto para o Futuro. TV Escola. Rio de Janeiro, 2011.

ANDRADE, L.; SANTIL, F. L. P. Cartografia tátil: acessibilidade e inclusão social. In: **Revista de Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2010.

ARANTES, V. A. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2006.

BRASIL. **Acessibilidade./Lei Federal**. Disponível em: http://portal.crfsp.org.br/phocadownload/acessibilidade-compilado_de_legislacoes.pdf. Acesso em: 28/11/2016.

BRASIL. **Política de educação inclusiva**. Disponível em: <https://inclusaoja.com.br/legislacao/>. Acesso em: 28/11/2016.

CAMARA MUNICIPAL DE BERNARDINO DE CAMPOS. **Lei Orgânica**. Secretaria Administrativa. Bernardino de Campos, 2005.

CATELLI, M. R.; TORRES, Eloiza Cristiane. Para além do olhar: cartografia tátil e turismo inclusivo na estância turística de Barra Bonita-SP. **XI Encontro Nacional da ANPEGE**. Presidente Prudente, 2015.

CBH-ALPA (Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema); FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos). **Plano de Bacia – UGRHI 14**. CETEC – Centro Tecnológico. São Paulo, 2016.

CARMO, W. R. do. **Cartografia tátil escolar: experiências com a construção de materiais didáticos e com a formação continuada de professores**. Departamento de Geografia, FFLCH-USP. São Paulo, 2009.

EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) **Sistema de Classificação de Solos**. EMBRAPA, São Paulo, 1999.

FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo). **Definições de Cartografia**. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/textos/texto_1.htm. Acesso em: 28/11/2016.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. In: **Revista da Educação**, v. 16, n. 1, p. 5-20, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 28/11/2016.

FREITAS, M. I. C. de; VENTORINI, S. E. **Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual**. Paco Editorial, Jundiaí, 2011.

IBGE CIDADES. **Extração vegetal e Silvicultura**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/pesquisa/16/12705>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Panorama Bernardino de Campos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/panorama>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Pecuária**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/pesquisa/18/16459>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Produção Agrícola – Lavoura Temporária**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/pesquisa/14/10193>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Produção Agrícola – Lavoura Permanente**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/pesquisa/15/11863>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Produção agrícola – Cereais, leguminosas e oleaginosas**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bernardino-de-campos/pesquisa/31/29644>. Acesso em: 01/11/2017.

IBGE CIDADES. **Senso demográfico: 2010 – Pessoas com Deficiência – Bernardino de Campos**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=350630&idtema=92&search=sao-paulo|bernardino-de-campos|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-pessoas-com-deficiencia-->. Acesso em: 28/11/2016.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). **Mapa Geológico do Estado de São Paulo**. IPT, São Paulo, 1981.

IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas). **Mapa Pedológico do Estado de São Paulo**. IPT, São Paulo, 1981.

LABORATÓRIO DE CATOGRAFIA TÁTIL E ESCOLAR. **Cartografia Tátil**. Disponível em: http://www.labtate.ufsc.br/cartografia_tatil.html. Acesso em: 19/12/2016.

LOCH, R. E. M. **Cartografia tátil: mapas para deficientes visuais**. Portal da Cartografia. Londrina, 2008.

MARTINELLI, M. **Curso de Cartografia Temática**. Contexto. São Paulo, 1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BERNARDINO DE CAMPOS. **Secretaria Municipal de Educação**. Disponível em: <http://www.bernardinodecampos.sp.gov.br/secretarias/educacao>. Acesso em: 15/01/2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BERNARDINO DE CAMPOS. **Secretaria Municipal da Saúde**. Disponível em: <http://www.bernardinodecampos.sp.gov.br/secretarias/saude>. Acesso em: 15/01/2018.

RIBEIRO, V. M. **Diagnóstico socioambiental do entorno do cemitério municipal de Ourinhos-SP**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Ourinhos, 2009.

ROSS, J. L. S.; MOROZ, I. C. **Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo**, São Paulo, 1997.

SÃO PAULO (ESTADO). **30 anos do AIPD: Ano Internacional das Pessoas com Deficiência 1981-2011**. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Memorial da Inclusão. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 2011.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. In: **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano 12, mar./abr. p. 10-16, 2009. Disponível em: https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em: 28/11/2016.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **CONADE**. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/conade>. Acesso em: 28/11/2016.

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. **Normas ABNT**. Disponível em:

<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/normas-abnt>. Acesso em: 28/11/2016.

SENA, C. C. R. G. de. A Cartografia Tátil como aliada da deficiência visual: necessidades e perspectivas de orientação e mobilidade. In: FREITAS, M. I. C. de; VENTORINI, S. E. **Cartografia Tátil: orientação e mobilidade às pessoas com deficiência visual**. Paco Editorial, Jundiaí, 2011.

SENA, C. C. R. G. de. **Cartografia tátil no ensino de Geografia: uma proposta metodológica de desenvolvimento e associação de recursos didáticos adaptados a pessoas com deficiência visual**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia, FFLCH – USP. São Paulo, 2008.

SENA, C. C. R. G. de; CARMO, Waldirene R. **El uso de modelos tridimensionales en la enseñanza de Geografía para personas ciegas: una propuesta de inclusión**. Departamento de Geografia, FFLCH-USP. São Paulo, 2008.

SIGRH (Sistema Integrado de Gerenciamento de Recursos Hídricos de São Paulo). **Caracterização Geral da UGRHI 14**. Disponível em: http://www.sigrh.sp.gov.br/public/uploads/documents/6997/caracterizacao_geral_da_ugrhi_14.html. Acesso em: 01/11/2017.

SILVA, P. C.; ESCANILLA, A. C. Los mapas táctiles y diseño para todos los sentidos. In: **Trilogía. Ciencia Tecnología Sociedad**. Medellín, 2010.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Conheça o histórico da legislação sobre inclusão**. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/31129/conheca-o-historico-da-legislacao-sobre-inclusao/>. Acesso em: 28/11/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Conceito de Acessibilidade**. Disponível em: <http://www.ufc.br/acessibilidade/conceito-de-acessibilidade>. Acesso em: 28/11/2016.

Anexo 1 – Planta do Perímetro Urbano de Bernardino de Campos

Anexo 2 – Entrevistas Completas

Comércio:

Entrevistada 1:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Não.
2. No seu estabelecimento há algum tipo de acessibilidade? R: Não. Faz pouco tempo que estou no prédio e ele não é meu, é alugado.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém deficiente para entrar no prédio? R: Tem uma senhora que passa, ela para na entrada e pede o pastel, nos fazemos e entregamos para ela; ela não entra, entregamos para ela, atendemos ela na entrada.
4. Alguma vez essa mulher reclamou? R: Não. Nenhuma vez.
5. E na praça alguém reclamou? R: Não. Pelo menos aqui não.

Entrevistado 2:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Facilitar a entrada de algumas pessoas com deficiência nos lugares.
2. Na farmácia, há algum tipo de acessibilidade? R: Sim. Os corredores têm espaço necessário para a passagem de cadeiras, para permitir o acesso de todos os clientes.
3. Você percebeu dificuldades de alguém para entrar na farmácia ou ir à praça? R: Não.
4. Houve alguma reclamação de alguém para entrar na farmácia ou ir à praça? R: Não.

Entrevistada 3:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Maneiras de se locomover; se os deficientes têm condições de satisfação.
2. Na farmácia, tem algum tipo de acessibilidade? R: É bem acessível para todos terem acesso fácil à farmácia.
3. Você percebeu dificuldades de alguém para entrar na farmácia ou ir à praça? R: Não.
4. Houve alguma reclamação de dificuldades para entrar na farmácia ou ir à praça? R: Não.

Entrevistado 4:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Facilidade para alguém com alguma dificuldade.
2. Existe alguma adaptação em seu estabelecimento? R: O cadeirante precisa de ajuda para entrar; não há adaptações; ponto alugado.
3. Você percebeu dificuldades para alguém entrar no seu estabelecimento ou ir à praça? R: Não.

4. Houve alguma reclamação de alguém que não conseguiu entrar no seu estabelecimento ou ir à praça? R: Não.

Entrevistada 5:

1. O que é acessibilidade para você? R: Ter acesso a alguma coisa.
2. Tem alguma acessibilidade na loja para um cadeirante ou deficiente visual? R: Não tem muita, tem coisas que precisam melhorar; é que eu sou só funcionaria, mas acredito que tenha que melhorar; ali na entrada mesmo tem um degrau para já dificultar.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém para entrar na loja ou ir à praça? R: Aqui dentro não, geralmente é não vem mesmo, é que eu tô pouco tempo aqui, mas até agora que eu tô, não; ali na praça também não, porque tem, por exemplo, de cadeirante, tem no chão ali, em vez de degrau na calçada, sempre tem essa entrada.
4. Alguém reclamou daqui da loja ou de ir à praça? R: Até agora não, para mim até agora não; eu tô desde o final do ano passado e nunca aconteceu.

Entrevistada 6:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Não.
2. No seu estabelecimento tem alguma acessibilidade? R: Não. Porque não sou dona do prédio e pedi para a mulher fazer uma rampa para deficiente e ela achou que não, então fica difícil.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém para chegar ao seu estabelecimento ou ir à praça? R: Não. Eles acham dificuldade na escada, na hora se subir na escadinha. Não.
4. E reclamação daqui ou da praça? Apenas subir a escada? R: Não. Só de subir a escadinha que reclama. Não.

Entrevistado 7:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Ter acesso fácil em qualquer lugar que você vai, em lojas; ter acesso que não atrapalhe, que nem lixo na rua, nenhuma guia.
2. No seu estabelecimento tem algum acesso, algum tipo de acessibilidade? Um deficiente visual ou cadeirante entrar sem muita dificuldade? R: Aqui nas escadarias, aqui não; só ali naquela parte mais íngreme, é bem mais fácil. Acho que sim, acho que sim.
3. Você percebeu alguma dificuldade para alguém entrar no seu estabelecimento, por conta da falta de acessibilidade? R: Não, não, não.
4. E na praça, você percebeu alguém com dificuldade de ir à praça? R: Não. Acho que também não, também não.
5. Houve alguma reclamação, alguém reclamou de não conseguir entrar no seu estabelecimento ou de não conseguir ir à praça? R: Não. Também não teve, não houve reclamação também não.

Entrevistado 8:

1. O senhor sabe o que é acessibilidade? R: Não sei.
2. Aqui nessa praça (Mons. Francisco van der Maas), o senhor percebeu se falta alguma acessibilidade? Por quê? R: Acho que falta bastante. Tem algumas coisas, mas ainda falta.
3. O senhor percebeu alguma dificuldade de alguém de vir nessa praça (Mons. Francisco van der Maas)? R: Acho que não, tem uns cadeirantes que vem, mas...
4. E na vizinha (Quintino Bocaiúva)? R: Também não.
5. Alguém teve alguma reclamação de alguém que não conseguiu atingir algum lugar? Alguma reclamação de falta de acessibilidade? R: Não. Não.

Entrevistados 9 e 10:

1. Vocês sabem o que é acessibilidade? R: Facilidade em acessar os lugares; os deficientes.
2. Na quitanda, tem algum tipo de acessibilidade? R: Sim. Rampas, bancas baixas e espaçosas; para facilitar.
3. Vocês perceberam alguma dificuldade de alguém para entrar na quitanda ou ir à praça? R: Não.
4. Houve alguma reclamação de alguém que não conseguiu entrar na quitanda ou ir à praça? R: Não.

Entrevistada 11:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Mais ou Menos. Acessibilidade é o nome, dar acesso às pessoas, facilidade para elas poderem ter acesso a lugares, ter a possibilidade de fazer as coisas, e criar uma certa independência.
2. Aqui no Centro Pastoral, você percebeu alguém com alguma dificuldade para entrar? Por quê? R: Tinha antes, depois foi corrigido; as rampas que foram feitas na entrada, agora tem acessibilidade. Porque temos bastantes cadeirantes nessa cidade que andam nas cadeiras e às vezes querem entrar.
3. Você percebeu alguma dificuldade de algum deficiente entrar aqui ou ir à praça? R: A princípio não reparei muito não, mas no Centro Pastoral antes, como a secretaria é aqui dentro, fica mais difícil; antes a gente era chamado lá na frente para atender eles, porque não podiam entrar aqui dentro. Mas a princípio não. A deficiência horrorosa que esta aquela calçada, que pode enroscar as cadeiras.
4. Alguém já reclamou de não conseguir entrar aqui ou ir à praça? R: Na praça já, por causa dos acessos que tem para subir, que são só nas laterais. Aqui não.

Entrevistado 12:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: É você ter acesso a alguma coisa. Acessibilidade para pessoas com deficiência? Não sei. A ideia seria essa, tipo, um cadeirante não consegue ter acesso a um determinado lugar se ele não tiver uma rampa.
2. Aqui na praça (Quintino Bocaiúva), tem algum tipo de acessibilidade? E qual razão de fazer esse tipo de acesso? R: Tem as rebaixadas no meio fio, na frente ali, tem na calçada, seria uma acessibilidade, guia para cego aqui. Eu sei que as novas leis determinam que seja feito isso, toda construção pública principalmente, tem que ter esse acesso, pelo menos até onde eu sei.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém de vir à praça? R: Não, não.
4. Ninguém reclamou também? R: Não, para mim não, não houve nada de reclamação.

Entrevistadas 13 e 14:

1. Vocês sabem o que é acessibilidade? R: Não.
2. Aqui na loja, tem algum tipo de acessibilidade, se tem rampa ou alguma forma de entrar? R: Tem na entrada, sim tem, aquela entra é mais baixa para cadeirante, só./Tem a outra rampa descendo para ir no colchão.
3. Porque foi feita essa acessibilidade? R: Não sei./Devido aos cadeirantes que possam estar entrando, são poucos, mas sempre aparecem.
4. Vocês perceberam alguma dificuldade de alguém ou algum deficiente entrar na loja ou ir à praça? Sempre tem. Aqui não, mas na praça sempre tem com as calçadas todas destruídas.
5. Vocês notaram alguma reclamação? R: Tem bastante, as calçadas, você não consegue andar; os cadeirantes.

Entrevistado 15:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Não.
2. No seu estabelecimento tem acessibilidade? R: Sim. Rampa na calçada para melhorar o atendimento.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém no seu estabelecimento ou na praça? R: Não.
4. Houve reclamações de alguém que teve dificuldade de entrar em seu estabelecimento ou ir à praça? R: Não.

Entrevistado 16:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Acessibilidade é garantir que todas as pessoas tenham seus direitos cumpridos, acessibilidade de poder ir e vir.

2. Aqui na farmácia (Municipal) tem acessibilidade? Por quê? R: Tem, acredito que sim. Tem rampa, tem lugar para cadeirante ser atendido. Na verdade, a farmácia funcionava no posto e mudou para cá; quando mudou, na reforma do prédio já foi pensado nisso.
3. Você percebeu alguma dificuldade na farmácia ou nas duas praças? R: Aqui não, na outra... É que não reparo muito, mas tem as rampinhas.
4. E teve alguma reclamação? R: Aqui pelo menos nunca reclamaram para gente; e na praça também não. Até tem pacientes nossos que vêm com aquelas cadeiras motorizadas.

Entrevistada 17:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: A pessoa tem acesso? Por exemplo, ela vem aqui e ela tem acesso a entrar, perguntar, saber informação.
2. Aqui na farmácia (Municipal) tem acessibilidade? Por quê? R: Tem, com certeza. Para favorecer os clientes.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguém para entrar na farmácia ou ir à praça? Houve alguma reclamação? R: Pelo pouco tempo que estou aqui eu não vi nenhuma dificuldade. E também não vi ninguém reclamar. Não houve nenhuma reclamação e nenhuma queixa.

Entrevistada 18:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Mais ou menos, talvez. Acessibilidade, possibilitar a todas as pessoas que cheguem aonde quer, por exemplo, a rampinha da calçada, acessibilidade para cadeirantes, por exemplo.
2. No seu estabelecimento tem acessibilidade? R: Acho que sim, eu atendo cadeirantes. Eu atendo uma moça que anda com aquele carrinho, e ela entra aqui sem o menor problema.
3. Porque foi feita essa adaptação, essa forma de acesso? R: Justamente para trazer essas pessoas para dentro da loja, para que elas se sentissem bem.
4. Você percebeu alguma dificuldade para alguém entrar no seu estabelecimento ou ir à praça? R: Eu acho que não, porque quando a loja foi feita já teve essa acessibilidade, já teve esse modo, já foi feito. Para entrar na praça eu acho que não, porque tem a rampinha; mas para andar ali dentro, uma pessoa cega, assim, nunca reparei.
5. Houve alguma reclamação de alguém de dificuldade de entrar na loja ou ir à praça? R: Não, nunca tive. Também nunca ouvi falar. Mas talvez a calçada, algum buraco, alguma coisa que possa atrapalhar.

Entrevistado 19:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Sim. Acessibilidade seria como chegar no comercio ou casa comercial, seria, por exemplo, você ter a entrada, ter acesso, com um espaçamento mínimo da porta e uma rampa de acesso a uma pessoa com deficiência.
2. Tem alguma forma de acessibilidade na sua farmácia? R: Sim, rampa de acessibilidade. Tem uma rampa para chegar na farmácia, já até um rebaixamento devido à garagem, e fizemos a rampa de acesso para a pessoa com deficiência e os banheiros adaptados.
3. Qual a razão de fazer? R: Inclusão; além da inclusão, tem a legislação sobre isso. Você vai abrir uma firma hoje, se você não tiver o padrão mínimo de acessibilidade e tudo mais, banheiro e etc. você nem consegue o alvará municipal.
4. Você percebeu alguma dificuldade de algum deficiente no acesso à sua farmácia ou de ir à praça? R: Hoje não, mas no passado teve, depois que fez a rampa não teve mais problema nenhum. Com relação à praça, hoje ela tem as entradas, no caso, nas extremidades da praça ela tem acessibilidade, mas a gente vê, que, no caso, o chão, o piso da praça tem muita deformidade e atrapalha as pessoas que tem uma deficiência.
5. Alguém reclamou de ter dificuldade de entrar na sua farmácia ou ir à praça? R: Aqui na farmácia não, aqui tudo certo. Na praça de lá (Mons. Francisco van der Maas), um senhor que usa a cadeira motorizada, veio falar comigo e eu falei com a secretária da saúde e com o prefeito, e eles sanaram o problema.

Entrevistada 20:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Acho que sim. Acessibilidade é você dar direitos às pessoas a ter acesso mesmo, acesso a locais, por conta de alguma deficiência.
2. No seu estabelecimento tem algum tipo de acessibilidade? E qual a razão de fazê-la? R: Acho que sim, por exemplo, ali (na entrada) não tem degrau, aqui dentro não tem obstáculo nenhum. A razão, é pelo direito legal, exigido por lei; e tenho caso na família, que é o meu marido que sofreu um acidente e perdeu uma parte da perna, e a gente começou a ver com outros olhos, mais de perto esse tipo de situação.
3. Você percebeu alguma dificuldade de alguma pessoa com deficiência no acesso a seu estabelecimento? R: Não, aqui não.
4. E em relação às praças? R: Também não, acho que ali (Quintino Bocaiúva) tem rampas de acesso, não vejo nenhum obstáculo ali não. Aqui (Mons. Francisco van der Maas), também tem acesso por ali.
5. Houve alguma reclamação de alguém não conseguir vir ao seu estabelecimento ou ir às praças? R: Não, para mim não chegou nada.
6. Você percebeu alguma dificuldade do seu marido? R: Não, aqui na loja não, mas já vi situações em outras cidades.

Coordenadora da APAE:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: É a possibilidade das pessoas chegarem em um determinado local que elas esperam chegar, é a possibilidade de você conseguir chegar no local, seja ele qual for.
2. Você percebeu alguma dificuldade de algum deficiente ir à praça (Quintino Bocaiúva), ou no seu comércio? R: Na verdade, quando as crianças saem daqui, elas saem com a nossa assessoria no ônibus; e os que conseguem descer a escada, mesmo sendo cadeirante, descem pela escada, carregados por um adulto; quando eles não usam a acessibilidade do próprio motorista que desce o elevador e sobe, é essa a acessibilidade. Nada que tem haver com os espaços determinados lá, rampa e acesso, eu não vejo isso.
3. Você percebeu alguma reclamação ou alguém já reclamou de falta de acessibilidade no comércio ou na praça? R: Não, que chegou para nós não, a não ser que eles tenham com suas próprias famílias fazendo esse tipo de trajeto, mas para nós não chegou não.

Entrevistados com deficiência e parentes:

Entrevistado 1:

1. Qual a sua deficiência? R: Paralisia Infantil.
2. Como você lida com o fato de ser uma pessoa com deficiência em Bernardino de Campos? R: Antes era mais complicado, não tinha tanto acesso assim, mas agora tem melhorado, porque tem lei para isso, então agora obriga e eles se atem; em certos lugares, a maioria dos lugares, já tem entrada. Mas a questão a questão do banheiro ainda é a dificuldade, o banheiro aqui em Bernardino é complicado, principalmente local público.
3. Você vai à Praça da Matriz? Sozinho ou acompanhado? Com que frequência? R: Sim, vou sozinho e estou sempre passando por lá. Praticamente todos os dias. Quando vou no centro estou sempre passando por lá e acabo usando o banheiro da praça.
4. Você tem alguma dificuldade? R: Não, nem no banheiro. Em outros lugares não tenho dificuldades, nem com carrinho ou cadeira de rodas.
5. Você acha que precisa melhorar o banheiro? R: É lógico que precisa melhorar. Mas entra gente que não é deficiente no banheiro, e esse que é o problema, as pessoas acabam quebrando o que já tá pronto, porque eles escoram na barra, se apoiam. Mas as pessoas não é deficiente e acaba quebrando, estragando o que está arrumadinho. Para você ver como é pequeno o pensamento.
6. Você tem alguma dificuldade no comércio ao redor da praça? R: No comércio, alguns sim. Outros fizeram. Mas sabe uma maioria, se você for ver bem, uma maioria não tem rampa, então dificulta o acesso. Você tem que ser atendido lá fora, você tem que chama a pessoa. Tem vários lugares aqui que não tem acesso ainda, bastante mesmo, no centro tem bastante (sem acesso) e mesmo sendo lei eles não fazem

ainda e falam “a rampa vai invadir a calçada e é perigoso alguém tropeçar e daí vai mudar a estrutura do prédio; aqui é alugado o cara não vai querer, que quebra para fazer”; mas tudo dá pra fazer e é lei.

7. Você vai à igreja? R: A igreja está excelente. A reforma dele foi sensacional, colocaram acesso em todas as portas, só tinha em uma porta; na realidade tinha em duas.

Entrevistada 2:

1. Qual a sua deficiência? R: Artrite reumatoide, que deforma as articulações.
2. Como a senhora lida com o fato de ter alguma dificuldade em Bernardino de Campos? R: O problema é a acessibilidade, só aquela rua do centro, a Marechal Deodoro, que tem as calçadinhas rebaixadas para cadeira de rodas. Na frente da quitanda tem uma, na Praça da Matriz tem uma perto da “Claudia Farma”, mas você desce a entrada (garagem), não sei se passa carro, mas por ali dá para passar. Mas fora isso, da cidade não tem, você tem que procurar calçada rebaixada de carro, entrada de carro. Só que em Bernardino não tem polícia, os carros param todos na frente das calçadas, eles fecham a calçada (rebaixada). Tem loja que eu consigo entrar, outras que eu não consigo.
3. A senhora vai constantemente à praça? Sozinha ou acompanhada? R: Na praça em si não, eu passo nela toda vez que eu vou ao banco, fazer compra no mercado, aí eu passo. Sozinha.
4. A senhora tem alguma dificuldade na praça (Quintino Bocaiúva) ou no entorno dela, a quitanda as farmácias, a outra praça (Mons. Francisco van der Maas) que fica ou lado? R: A tem, na praça onde fica a farmácia do posto de saúde, do SUS (Mons. Francisco van der Maas), tem, é difícil, ali mesmo para entrar na farmácia do posto tem uma rampona que eles fizeram lá, e eles fecham a porta no tempo de frio, e no calor por causa do ar condicionado; então você tem que depender de alguém abrir a porta para você entrar; você bate, você grita, você faz sinal, porque as vezes não tem ninguém lá dentro, só o funcionário lá no fundo, nem te vê. Então você tem que ficar esperando alguém virar e enxergar você do lado de fora para ele abrir a porta, ou você desce e abre a porta com a mão, essas portas não são automáticas.
5. E o estado da calçada? R: Horrível, esburacada. Tem muito buraco; desnível, muito desnível. Mas fazer o que? Você tem que ir. Você tem que ir, você vai “socando”, porque não tem amortecedor no carrinho. Entra no buraco, o carrinho perde a força, porque ele é elétrico, então você tem que pedir ajuda, ou às vezes descer, ligar e empurrar um pouquinho para poder subir. É muito difícil mesmo, ali na prefeitura, a (Entrevista 3) já falou com a arquiteta da cidade, aquela rampa de ferro (na prefeitura), quem que sobe, ninguém sobe, você pode até subir; sobe aí vai, mas quando chega eles puseram a rampa naqueles desenho e a porta aberta (na verdade está fechada); a arquitetura da prefeitura, rampa está em cima daquilo, o meu carrinho não faz a curva ali, não passa, nem cadeira de rodas; que nem a dona (Entrevistada 4), ela tem cadeira, a cadeira dela não vira ali.

6. O que precisa melhorar, no caso da prefeitura ou da praça ou no comércio? R: Dar uma arrumada pelo menos nos buracos. Você tem que andar nas calçadas rebaixadas e dar graças a Deus quando não tem carro parado na frente das calçadas rebaixadas, porque os carros param bem na frente das calçadas rebaixadas, isso é proibido por lei, isso não pode. Na Bagdá (pastelaria) o carrinho não entra porque não tem rampa na calçada. No meu caso, se eu quiser, eu paro o carrinho na calçada, pego a bengala, vou devagarinho e sento lá; mas e quem não tem uma perna, ou as duas? Aquele moço que já foi vereador (Entrevistado 1), ele tem as pernas mas não funcionam, ele não conseguiria entrar e teria que ficar na calçada e pedir os pastéis na calçada. Na Claudia (farmácia) dá para entrar, eles tem uma rampa ali na parte de manipulação; a quitanda da para entrar, porque o piso da quitanda e da calçada é bem baixinho, e eles fizeram uma rampinha bem na esquina, então dá para você passar, mas tem que prestar atenção no trânsito. Na casa paroquial é difícil, você tem que dar a volta naquela rampa que entra perto da Guarani (loja de móveis) e vim, mas tem um desnível de calçada grande e se o carrinho não for forte não passa, ali não tem como entrar, você tem que entrar na garagem que o padre tem ali, e normalmente tem carro na frente; então, ou você sobe a rampa ou você fica na rua e grita. Na igreja da para entrar, eles fizeram uma nova (rampa) ali, com aqueles banheiro na frente, e do outro lado já tinha feito uma rampa. Sem o carrinho eu vou pela rampa; eu tenho dificuldade de subir aquelas escadas, se não vou pelas laterais; apesar de que agora eles fizeram os banheiros, então dá para a gente subir pelos banheiros, mesmo que fosse a pé, daria para subir na rampa devagarinho e entrar na porta principal da igreja.
7. Em todos esses lugares, a senhora acha que precisa de alguma melhoria? R: Eu acho que precisa, principalmente os desníveis e os buracos. Agora, sinalizar melhor na pista as pinturas do “parado” (o Pare), eu procuro sempre atravessar na faixa de pedestre, mas os carros de Bernardino não respeitam, eles param no meio do trânsito para conversar e se você buzinar eles reclamam. Tem que prestar atenção no trânsito, é a mesma coisa como se estivesse com o carro. Eu não posso andar na contramão ou nas pistas de rolamento dos carros, é por isso que teriam que ser as calçadas melhores, menos buraco, mais acessível as rampinhas, mais rampas, porque sou deficiente em termos, mas consigo andar muito lentamente segurando nas paredes para não cair, porque qualquer desnível pode cair, com os pisos irregulares.

Entrevistada 3:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Você ter acesso, acessibilidade, você poder entrar em um lugar, estar em algum lugar, ter acesso em qualquer lugar, acessibilidade. Agora, tem o Crédito Acessibilidade, um financiamento do Banco do Brasil, que financia cadeira de rodas, cadeira de rodas motorizada, cegos, pessoas com deficiência auditiva; faz um crédito melhor que o da poupança.

2. Qual a sua deficiência? R: Eu tive poliomielite, eu tenho sequelas de poliomielite.
3. Como você lida com o fato de ser uma pessoa com deficiência em Bernardino de Campos? R: Para mim sempre foi muito normal, porque eu morava em São Paulo, pegava ônibus, metrô, senti mais dificuldade quando vim para Bernardino, porque não tinha ônibus; então é mais fácil para a gente morar em São Paulo que tem metrô, ônibus, tudo perto; naquela época que eu conseguia subir no ônibus, agora já talvez tivesse mais dificuldade; e para uma pessoa com deficiência tudo é muito longe. Mas para mim, como tenho meu triciclo, para mim, eu não tenho esse tipo de problema, tenho problema com calçada, com rua cheia de buraco essas coisas.
4. Você vai à Praça da Matriz? Sozinha ou acompanhada? E com que frequência? R: Sim, vou sozinha, costumo ir todo domingo, as vezes acontece de não dar tempo, não dá para ir. Eu vou sempre para lá, para a cidade, que eu vou fazer compras, vou nas lojas, vou ao mercado, vou para todo lugar.
5. Você teve alguma dificuldade de ir à praça ou no comércio no entorno? R: Tinha antes de ter o meu triciclo, por falta de, por exemplo, aqui ou você tem carro, porque para ir a pé era difícil. Tive sim, tive dificuldade numa época que eu não tinha carro e tinha que ir a pé lá para a cidade, é longe; aí depois comprei o triciclo que é motorizado, e aí o triciclo facilitou a minha vida; aí eu vou para todo lugar, mas tem loja que eu não consigo entrar, porque tem degrau e eles não respeitam a lei de acessibilidade que é obrigatória. Eu particularmente não tenho dificuldade, porque eu me ambientei muito bem com o meu triciclo; só que ainda sim com o triciclo, existem lugares que você não consegue entrar, existem lugares em que você não consegue passar. Se você observar na praça, em frente à prefeitura não tem uma guia rebaixada, vai ter lá no canto de lá (na esquina onde da prefeitura) e no canto de cá (na esquina da praça em frente à prefeitura), portanto, se você quer ir na prefeitura, você tem que ir lá, voltar, atravessar e subir pelo outro lado, teria que ter uma guia rebaixada, por exemplo, de frente para a igreja, para a entrada da igreja, uma parte rebaixada ali e outra parte rebaixada de frente para a prefeitura.
6. Você acha então que o rebaixado seria uma coisa importante que precisaria melhorar? R: Sim, o próprio chão da praça, a própria calçada da praça não é das melhores não. Na prefeitura, eles colocaram uma "lata" lá, uma provisória, não existe, não tem condições, ninguém sobe, primeiro porque aquela rampa é íngreme, lisa, e ela fica de frente para a porta que fica fechada. Aí, por exemplo, o meu triciclo, você sobe, você não consegue parar ali, depois virar, depois virar, é até perigoso você bater na porta da prefeitura, porque ele sobe, ele embala; se você por no lentinho ele não vai subir, você tem que por no rápido para embalar, embala e entra aonde; ela (a rampa) teria que tá no mínimo de frente para a porta aberta; e mesmo assim ainda ir ser ruim, porque (ela) é horrível. Eu sou uma pessoa que consegue sair do carrinho, subir e ir lá, o (Entrevistado 1), por exemplo, não consegue descer do carrinho; a (Entrevistada 2) com condições que ela não sai daquele carrinho, ela não consegue subir. A gente tem que ter o mesmo direito

que você, se eu precisar ir na prefeitura, eu sei que tem gente que vai descer (sair para atende-la), mas eu preciso ter o direito de ter o acesso a ir lá dentro, não tem que fazer “meia boca”, que nem você para na porta de uma loja e a pessoa vem te trazer, muito educado, muito bom, muito gentil da parte principalmente de quem quer vender, mas não é isso que tem que acontecer, tem que ter eu ter o acesso, esse é o direito. Se eles construírem rampa para fora (do estabelecimento), qualquer pessoa que venha passando pode tropeçar e cair, porque na verdade eles tem que construir a rampa para dentro (do estabelecimento), mas eles não querem fazer, eles acham que a prefeitura que tem que pagar para eles fazerem. Eu conversei com gente que não fez e falou para mim “a prefeitura que devia de mandar fazer isso, não a gente”. Que eu me lembre a calçada (da praça) não tem, não; eu não lembro de buraco, não. Quando a feira era lá (na frente da igreja), eu não tinha problema, agora eu não consigo ir na feira, eles espremem tudo, botam aquele monte de cadeiras e eu não passo. Na igreja, eu fico do lado de cá (à esquerda olhando de frente para a igreja), porque ali não tem rampa, não tem nada; porque a rampa do lado de lá (à direita olhando de frente para a igreja) acontece a mesma coisa (que na rampa da prefeitura), você sobe, só que é perigosa, porque quando você chega do lado de cá é a escada (é rampa com escada), se subir com o carrinho ele embala e eu tenho medo de ir para o lado da escada, depois fazer a curvinha para entrar do lado é difícil. A da frente (as rampas maiores das laterais) dá para usar, ficou muito boa aquela lateral, ela ficou certinha.

Entrevistada 4:

1. A senhora sabe o que é acessibilidade? R: Não.
2. A senhora vai à Praça da Matriz? Sozinha ou acompanhada? R: Sim, só que não sou muito de sair, até às seis (6) horas eu faço tudo que tem que fazer, mas às seis (6) horas eu fecho a casa e fico lá dentro sossegada. É difícil (companhia), porque depois das seis (6) todo mundo tem sua família, chega do trabalho; mas também não tem muita coisa para ver, quando vem alguma coisa, passa aqui (na Rua Marechal Deodoro) e eu vejo dali mesmo (de sua casa).
3. Quando a senhora vai à praça ou no comércio, tem alguma dificuldade? R: Não, porque geralmente tem as entradas e eu vou por ali. A gente aqui em Bernardino tem amizade com todo mundo, todo mundo me conhece, qualquer probleminha, param já vem desce do carro e ajuda.
4. O que a senhora acha das calçadas de Bernardino de Campos? O que deveria melhorar? R: As calçadas? Horrível, calçada, entrada; deixam a entrada dos carros e eles param bem na entrada. As ruas, para andar no asfalto precisa cuidado se não cai no buraco.

Entrevistada 5 (Esposa do senhor Nelson):

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Sim, acessibilidade é ter acesso, as rampas, as calçada, nas ruas, nas lojas, ter rampa para entrar. As ruas são muito esburacadas, em Bernardino não tem condições, não tem rampa, não é todos os lugares que tem rampa; as lojas, a maioria não tem rampa para entrar. Não tem sinalização.
2. Qual a deficiência de seu marido? R: Visual, acidente, tiro de espingarda, cortou o nervo ótico e queimou a retina.
3. Como você ou ele lidam com o fato dele ter uma deficiência? R: Eu não sei, porque já tenho experiência, trabalho aqui na APAE, então para mim não está sendo difícil; ele aceitou bem também, mas tem que sempre ter alguém junto com ele, por não ter acessibilidade, é mais difícil dele andar. Aqui na Barra Funda (bairro onde moram) ele anda bem, porque já acostumou andar pelas ruas, mas lá para cima (o restante da cidade) tem que ter alguém junto.
4. Ele vai à Praça da Matriz? Com que frequência? R: Sim, se tiver alguém junto, todas as vezes que eu vou, eu subo a pé e levo ele.
5. Ele tem alguma dificuldade no comércio ou na praça? R: Sim, no comércio ele tem muita dificuldade para entrar nas lojas por não ter rampa; e na praça não tanto, porque já tem a sinalização.
6. O que você acha que deveria melhorar? R: Eu acho que deveria melhorar tanto as calçadas; aqueles canteiros (da Praça Quintino Bocaiúva) atrapalham também, é muito ruim aqueles canteiros; mas ali eu acho que as calçadas deveriam melhorar. E mais rampa.

Senhor Nelson:

1. O senhor sabe o que é acessibilidade? R: Seria tipo para quem? (pessoas com deficiência). A gente vai acostumando, vai aprendendo, por exemplo, estou andando aqui (no local da entrevista), pelo tato eu vou, se eu sair um pouquinho, eu percebo; é tanto ruim de calçadas, péssimo, a gente precisava que fosse melhor.
2. Qual a sua deficiência? R: O meu foi acidente, uma disparou no meu rosto e perdi a visão.
3. Como o senhor lida com o fato de ser uma pessoa com deficiência em Bernardino de Campos? R: É difícil, mas a gente tem que ir controlando, porque se tivesse calçada boa ou a sinalização, a gente teria uma facilidade melhor, com certeza; mas como não tem, a gente tem que... (final não entendido).
4. Você vai sozinho ou acompanhado na Praça da Matriz? Com que frequência? Todos os dias? R: Eu vou sozinho, com jeitinho, de repente conforme a hora, se tiver um movimento, mais carro na rua, aí eu já peço uma ajuda, porque fica difícil; as vezes a pessoa que é conhecida até ajuda, em parte, por exemplo, vai devagar com o carro, mas gente estranha não conhece, e a gente, pode até acontecer de atropelar a gente; mas graças a Deus não aconteceu de alguém frear, mas não vamos dizer que não pode acontecer, é realidade. Eu vou poucas vezes (na praça), as vezes dá aquela de dá uma passeada, um andar mais longe, então a gente vai, mas é difícil, não vou muito

tempo, vou mais assim, de domingo quando tem pouco movimento; e eu ando mais pela Barra Funda, que é um trecho que eu conheço. Não vou dizer para você que eu não “se” perco, tem hora que dá uma atrapalhada sim, mas aí quando você vê que o negócio tá diferente. Tem uns pontos que a gente conhece, por exemplo, um buraco, uma árvore, agente marca muito na memória, no pensamento, não dá nem para acreditar. Sempre com obstáculo parece que a gente... (não entendido). O pensamento tá positivo por enquanto, e o ouvido é bom, por exemplo, um carro; a gente por enquanto está indo bem, porque eu sempre falo, se um dia acabar a audição, aí vai mudar, nem pode pensar nisso.

5. Quando o senhor vai à praça ou no comércio em volta, tem alguma dificuldade? R: Muito pouco, porque a gente mora tempo aqui na cidade. O pessoal aqui é muito bom, quando percebo que tem algo diferente, paro, espero, informo a rua; quando eu tô em uma rua, eu me informo, pergunto.
6. Na praça, quais seriam as dificuldades que o senhor tem? R: No meu pensamento, quanto mais eu ando num lugar, é como se fosse normal, tem uma noção, e lá é uma coisa que eu tenho que prestar muita atenção, porque eu posso pegar o contrário, lógico, a gente se vê meio perdido e pergunta; mas tem as dificuldades, não tem sinalização, na verdade, por enquanto.
7. O que o senhor acha que precisa melhorar? R: As calçadas, a sinalização também, porque tem aquele sinal no chão. Aqui (Barra Funda) não tem, tem? Poucos lugares. Eu não lembro onde que tem, acho que tem atrás da igreja, foi ali que a minha menina falo “pai aqui tem esse tal”. Sinalização precária. Tem muita coisa para melhorar, a gente não resolve nada, tem que alguém comentar para ver se sai alguma coisa; porque você sabe, o asfalto, tem muito lugar que tem parte ruim, tem parte boa, e assim, nunca vai resolver tudo no ato. Tem que melhorar. Às vezes uma rua precisa lombada e não faz, dependendo do lugar, se tem uma lombada, você vê que o (carro) “manera”, se não tem ele vai passar direto, e vai fazer o que? Não vai fazer nada; tem que evitar de acontecer. Tem vários tipos que funcionam.

Entrevistada 6 (Mãe do Henrique):

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Não.
2. Qual seria a deficiência do seu filho? R: Ele tem deficiência porque ele tinha glaucoma e foi perdendo aos poucos e agora zerou mesmo, não tem mais chance de enxergar, só através de uma cirurgia que vai ver em 10 anos, que tá para ser comprovada, a gente não sabe ainda, a gente tem esperança dessa cirurgia que ele vai poder voltar a enxergar de um olho apenas; a outra visão ele já não tem mais, ele usa uma prótese. Eu acho que por andar pelas ruas está muito difícil eu e ele, as calçadas, muito difícil.
3. Como você lida com o fato de seu filho ter uma deficiência em Bernardino de Campos? R: Para mim é muito difícil, porque você vê as calçadas como que é? Ele não gosta nem de andar pelas calçadas, ele

tropeça muito e eu tenho que ficar falando “tem um degrau, tem um buraco”, a calçada está terrível, não é só para ele, é para todos. A gente nem anda, porque a gente leva tropeção, e aí ele quer andar pelas ruas, e pelas ruas também não tem condições, os carros, principalmente quem vem de fora, não sabe que a pessoa tem alguma deficiência e vai por cima, já aconteceu de estar com ele na rua e a pessoa vim com o carro quase passar por cima dele. Aí ele fala “mãe, eu quero ir pela rua”, eu falo “mas não tem condições”. Porque não é todo mundo que sabe, e tem gente que nem sabe ainda que ele perdeu a visão totalmente; a pessoa pega e vem com o carro por cima da gente. Sabe quando vai passar o pedestre, essas coisas? Também tem dificuldade, as pessoas não param você tem que ficar ali parado esperando; você sabe como Bernardino é? Eles não respeitam ninguém, tudo, até bicicleta, você está vindo, sempre tem que parar para eles passarem quando é sua mão, está um rolo toda vida foi assim; está um caos, que nem falaram “anda com a bicicleta na calçada”, mas na calçada também não dá para andar; nem o pessoal está andando porque não tem condições, se você acha que vai andar com bicicleta na calçada...

4. Você leva ele na Praça da Matriz? Às vezes eu levava, agora ele deu uma parada, não gosta mais; ele não gosta de barulho, as vezes eu levo ele em algum lugar que tem barulho, ele chega, já quer ir embora. Ele não participa, não vê o que está acontecendo, ele se sente incomodado. Todo mundo está rindo, está participando das coisas, ele se sente inútil; ele só ouve e as pessoas não conversam tanto com ele, ele se sente inútil, porque ninguém está ali para conversar; o pessoal não dá atenção e ele não gosta de sair, não gosta de ficar saindo mais.
5. Quando ia à praça, ia sempre acompanhado? R: A gente ia junto com ele. Eu e meu marido a gente levava, por esse motivo não tem como ele ir a pé, as calçadas, então a gente levava ele de carro.
6. E qual seria a dificuldade para ele se fosse a pé? R: As calçadas. Meu cunhado disse que se colocar ele (o filho dela) perto da delegacia ele vai sozinho sem ninguém estar junto, porque ele conhece todas as ruas, mesmo que ele não enxerga ele conhece certinho as ruas. Aí eu falei “como a gente vai deixar ele sozinho se as calçadas são terríveis, não como ele caminhar sozinho, vai acabar caindo”. Ele tem a bengalinha, aquela que você vai batendo para ver, que lá na praça tem ali aquela marca (sinalização tátil) para as pessoas com deficiência; ele não usa, nunca usou, eu já comprei para ele tudo, para começar sair sozinho, mas ele não sai, porque ele tem medo, na verdade; ele disse “não, não tem como eu anda nessa cidade”, se fosse um calçadão que não tivesse essas calçadas, tudo estragadas e quebradas; mas é tudo “arregassado”. Devia melhorar muito a calçada, para todo mundo, não é só para ele.

Henrique:

1. Você sabe o que é acessibilidade? R: Algo para facilitar o acesso em coisas, objetos; para pessoas com alguma deficiência.
2. Qual é a sua deficiência? R: Visual total.
3. Como você lida com o fato de ser uma pessoa com deficiência em Bernardino de Campos? R: Não tem como dizer muito, não tem muita opção, não tem muito o que fazer aqui. Mas eu me viro bem, eu tenho aparelhos com acessibilidade para mexer; em casa eu me viro bem, onde eu conheço ou já frequentava, eu já conheço, eu me viro bem. Mas na cidade, andar sozinho nunca tentei, mas eu tenho uma noção, se pegar e sair, aí eu tenho uma noção, quando eu estou de carro com alguém, eu sei onde a gente está, os lugares, a rua que a gente está, as pessoas ficam todas impressionadas.
4. Você vai à Praça da Matriz? Sozinho ou acompanhado? R: Às vezes, sempre acompanhado.
5. Você tem alguma dificuldade de andar na praça ou no comércio em volta? R: Não sei dizer, porque nunca tentei sozinho, no caso. A gente vai de carro, quando saio a pé, ando bem também; não tenho dificuldade para andar. Ando normal. Se não tiver rampas, essas coisas. Mas para mim, no caso, alguém tem que me avisar. Isso é o que acontece mais.
6. O que você acha que precisa melhorar? R: Fazer rampas nas calçadas; um preparo que tem nas calçadas, na própria rua às vezes.
7. E para uma pessoa com deficiência visual, o que falta para garantir a mobilidade? No caso, a sinalização, essa acessibilidade mesmo.